PUBLICAÇÃO RECONHECIDA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA COMO DE INTERESSE CULTURAL E LITERÁRIO

Directora: **Nassalete Miranda**
10 Fevereiro de 2016
Nº **164** | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

EM DESTAQUE // PÁGs. 4 e 5

A festa da literatura

17.ª edição do Correntes D'Escritas decorre entre 23 e 27 de Fevereiro, na Póvoa de Varzim

FOTO: Arquivo Histórico do Porto

Aliados: a centenária avenida do Porto

ENTRE NÓS // PÁG. 2

Avenida dos Aliados, 1968

CINEMA // PÁG. 20

36.º Fantasporto abre com filme português, «Gelo»

22 de Fevereiro a 6 de Março

SINGULARPLURAL

SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
E-mail.: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassalete Miranda
EDITORA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax.: 22 606 35 56
Telemóvel.: 91 803 56 76
Email.: artes.entreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecor - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef.: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Agualva Cacém
Telef.: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef.: 80820655 - Fax.: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interdita a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Arnaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luís
António Vitorino d'Almeida
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | **Helder Pacheco**
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
José Rodrigues | **Levi Guerra**
Lídia Jorge | Mário Cláudio
Miguel Cadilhe | **Miguel Veiga**
Salvato Trigo

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | **Alberto Cadilhe** | André Lamas Leite
António José Queiroz | Armando Alves | **Artur Serra Araújo**
Carlos Cabral Nunes | **Carlos Tavares** | Cristino Cortes
Domingos Lobo | Eugénio Lisboa | **Francisco d'Eulália** | Francisco Noronha
Francisco Simões | **Guilherme d'Oliveira Martins** | Helena AM Pereira
Jorge Leandro | **Jorge Sanglard** | J. Esteves Rei
José Carlos Seabra Pereira | Lauro António | **Manuel Sobrinho Simões**
Manuela Aguiar | **Maria Antónia Jardim** | Maria do Carmo Cardoso
Mendes | **Martinho Soares** | Miguel Leite | **Mónica Baldaque**
Paulo Ferreira da Cunha | **Pedro Cardim Ribeiro** | Ramiro Teixeira
Rodolfo Alonso | **Rudesindo Soutelo** | Silvina Pereira | **Vasco Rosa**

PARCERIAS

APOIOS

Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do **BancoBIC**

Nassalete Miranda
directora

Entre Sentidos

"É proibido não rir dos problemas.
Não lutar pelo que se quer,
Abandonar tudo pelo medo"
Pablo Neruda

Uma das mais perguntas mais importantes da actualidade, (não se confunda com a moda da pergunta de um milhão de dólares), é: vale **tudo** em nome do dinheiro? E neste **tudo** inclui-se o material e o imaterial, a Memória, a História, a Cultura, a Alma de uma pessoa, de um País, de uma Civilização, de um Continente.

Não duvido da rapidez e simplicidade da resposta: Não, não vale **tudo** porque há coisas que não estão à venda", pois é, mas depois há sempre quem por "distracção" faça precisamente o contrário.

Não sei quantos euros valem as esculturas italianas tapadas para que o Presidente do Irão não ficasse "ofendido" e incomodado com a sua nudez, mas sei que não há dinheiro que pague esta humilhação cultural, esta subserviência civilizacional, esta agressão à História italiana e europeia.

Não aceito este comportamento. Não sei quem são os culpados pela encomenda dos painéis que esconderam vergonhosamente a História, a Arte, a Memória, a Beleza, o Património, como não sei se houve exageros no protocolo ou se eram ilegíveis as assinaturas de quem decidiu esconder os nus (quatro) que integram há anos o riquíssimo espólio do Museu do Capitólio, mas sei que a culpa vai mesmo morrer solteira, e que o Presidente iraniano, por muito "rico" e "poderoso" que seja, ou pense que é, não tem direito a ficar "ofendido" com o que de melhor têm os países que visita: a sua História, a sua Identidade.

Quando a velha e cobiçada Europa visita qualquer país islâmico, as mulheres mantêm as suas vestes, os homens os rostos fechados, e as refeições não são servidas com preocupações culturais ocidentais!

Há uma grande diferença entre ser-se educado e bom anfitrião e ser-se submisso. Diz o ditado que "cada terra tem seu uso", na minha as mulheres respiram, a pena de morte foi abolida há quase dois séculos, a beleza estética e sensual dos nus existem dentro e fora dos Museus, os artistas não são estropiados e as crianças e adolescentes não são incentivados às armas! Respeita-se a dignidade humana! Temos a nossa fé e Religião! Somos imperfeitos mas solidários e rejeito a subserviência cultural, civilizacional e religiosa!

Rejeito, sobretudo, este caminho de retrocesso identitário de um povo que emerge com as cedências feitas em nome de uma hipócrita e interesseira diplomacia. Não. Não vale **tudo** em nome do dinheiro.

Há passos de recuo que ofendem fatalmente a memória dos povos e sangram o seu futuro!

Em Itália não se bebeu vinho e taparam-se esculturas, na França, sem vinho, não houve jantar tradicional francês a obsequiar o presidente iraniano. Felicito François Hollande. É raro uma atitude do Presidente da França despertar-me simpatia, mas esta merece. É que de facto, em França, como em Itália e nos outros dois países latinos, Espanha e Portugal, o vinho é "sangue", e sem sangue não há vida!

Tenho, como Madre Teresa de Calcutá, a certeza de que as minhas palavras e o meu trabalho "são uma gota no oceano, mas sem elas, o oceano seria menor". Por isso mesmo, a todos, a sua parte.

Boas leituras em artes feitas

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

ENTRENÓS

Av. Aliados nasceu há 100 anos

Há 100 anos, e com a presença do então Presidente da República, Bernardino Machado, foi desmontada a "primeira pedra" do palacete barroco da Praça da Liberdade, como acto simbólico das demolições e expropriações que então se iniciavam para abrir o novo "Boulevard" da cidade. Hoje, a Avenida dos Aliados é por todos reconhecida como a "sala de visitas da cidade" do Porto.

O projecto de construção da Avenida dos Aliados arrancou a 1 de Fevereiro de 1916. Foi precisamente nesse dia que foi aprovado em reunião camarária o projecto de construção do actual edifício dos Paços do Concelho na Praça General Humberto Delgado, logo acima dos Aliados, como parte do plano de expansão do centro cívico da cidade elaborado pelo arquitecto inglês Barry Parker.

A Câmara Municipal do Porto e a Fundação Marques da Silva promoveram, precisamente no dia 1 de Fevereiro, um debate para assinalar a efeméride.

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT

À venda, para além dos locais habituais:
Poetria, Vivacidade, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis e Livraria Lello

Guilherme d'Oliveira Martins
presidente do CNC

Rússia e Europa – Que Enigmas?

«Rússia e Europa – Uma Parte do Todo» de José Milhazes (Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2016) é uma obra que nos fala da História e da atualidade, como chaves para a compreensão do que hoje assistimos no panorama internacional. Poucos sabem que os portugueses tiveram relações antigas com a Rússia, merecendo especial destaque o facto de Pedro, o Grande, conhecer a importância de Portugal, até por ter junto de si dois judeus portugueses que ocuparam importantes cargos na sua corte: António Vieira (iniciador da importante linhagem dos Devier), primeiro chefe de polícia da nova capital da Rússia, São Petersburgo, e João da Costa, culto bobo do czar. Houve, desde cedo, contactos para o estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas, mas só com Catarina II, a Grande, em 1789, chegou à capital do império russo o primeiro embaixador de Portugal, Francisco José Horta Machado, tendo sido designado em 1769 o primeiro cônsul russo em Lisboa. No plano académico (mas também político) António Ribeiro Sanches teve um papel importante, vivendo na corte algum tempo e sendo conselheiro da czarina Catarina. Luísa Todi, a grande cantora lírica portuguesa, teve também um papel relevante na mesma corte. Para além destas referências, há ainda a lembrar a presença de Jaime Batalha Reis como diplomata no momento em que ocorreram os acontecimentos revolucionários de 1917 e a admiração votada por Jaime Magalhães de Lima a Lev Tolstoi, que o levou ao encontro do genial autor russo. A obra de José Milhazes é de leitura obrigatória para quem queira compreender a complexidade da história russa. Aí encontramos na cuidada análise histórica, naturalmente sintética e essencial, a evolução lenta de uma potência que se foi afirmando na encruzilhada entre a Ásia e a Europa. «No século VIII, um grupo de tribos eslavas orientais e fino-úgricas criou o seu Estado na Europa Oriental: a Rus de Kiev». Estamos diante de uma faixa territorial que parte da influência viking e segue até à referência grega e bizantina. É o império romano do Oriente que marca a identidade específica de Kiev – Jaroslav, o Sábio, constrói, por volta do ano 1000, templos de estilo bizantino na cidade de Kiev e os irmãos Cirilo e Metódio, sacerdotes bizantinos do século IX, criam, a partir do «alfabeto arcaico» da Morávia, o alfabeto glagónico, influenciado pelos alfabetos grego, latino e hebraico – que daria origem ao alfabeto cirílico. A partir da segunda metade do século XI, a Rus de Kiev desintegrou-se em feudos e foi dividida entre os descendentes dos conquistadores, mantendo relações com Bizâncio no campo religioso, já que a Igreja Ortodoxa Russa passou a depender diretamente do Patriarcado de Constantinopla. Moscovo vai surgindo, assim, como terceira Roma.

Apesar do cisma entre as Igrejas do Ocidente e do Oriente ter ocorrido em 1054, as relações entre Kiev e Roma conheceram momentos altos, sobretudo quando a Europa se viu ameaçada pelas Hordas tártaro-mongóis e precisou de pedir auxílio ao monarca russo. O Papa Inocêncio IV chegou a enviar embaixadores a Novogorod, cidade-Estado onde reinava o príncipe Alexandre Nevski. No entanto, este preferiu fazer um acordo com os tártaros e mongóis, em lugar de lhes declarar guerra, aliado a Roma. Em 1263, Alexandre Nevski iniciou uma linhagem de duques moscovitas, os quais levarão em 1380 à libertação do poder dos mongóis da Horda de Ouro. Moscovo tornou-se, assim, o centro de unificação da Rússia, por ser um importante território de passagem de rotas comerciais, mas também por estar mais protegida dos ataques tártaro-mongóis. Depois da queda do Império Romano do Oriente e da conquista de Constantinopla, Moscovo torna-se o centro religioso dos territórios russos, o que torna independente a Igreja Ortodoxa russa. Ivan III foi o primeiro monarca russo a intitular-se como Czar; mas foi Ivan IV, o Terrível, o Magnífico, ou o Temível, que primeiro foi entronizado como czar, no século XVI. Então a diplomacia europeia viu o Reino de Moscóvia como um sério aliado contra o avanço turco, sobretudo depois da queda de Bizâncio. Com demasiadas frentes abertas, houve, porém, que estabilizar as relações estratégicas – evitando os confrontos abertos no Báltico e no Cáucaso. O fim do reinado de Ivan, o mandato de Boris Gudonov e as convulsões internas (fome, levantamentos camponeses) fecharam um ciclo que culminou numa fase de decadência – que viria a ser contrariado já na nova dinastia dos Romanov (1612-1917) – quando a Rússia enfrenta três desafios. Trata-se da reconquista dos territórios ucranianos e bielorussos sob domínio da Polónia; a abertura do corredor para o mar Báltico e a luta contra o Império Otomano. Contra o poder da Suécia seria indispensável uma aliança com a Polónia, que, por sua vez, também fortaleceria a posição russa perante a Turquia, ainda que tal significasse a renúncia à Ucrânia.

Será Pedro, o Grande (1672-1725), a ver-se confrontado com duas tarefas difíceis: o país necessitava de saídas para o mar durante todo o ano, para os dois mares navegáveis que davam acesso à Europa – o Báltico e o Negro. Através das vitórias militares sobre a Suécia na «Guerra do Norte» e com a situação da nova capital, São Petersburgo, ficou resolvida a questão da saída do Báltico. O tema do Mar Negro foi alvo da continuidade de ação das czarinas Isabel Petrovna e Catarina II, tendo esta consolidado a posição russa no Báltico, pela anexação de metade da Polónia e pelo controlo das costas do Mar Negro, em especial da Crimeia. A partir de então, a Rússia passou a ter uma voz decisiva na Europa e ocorreu uma relativa desrussificação das respetivas elites. A História dos séculos XIX e XX é conhecida: Alexandre I pôs em xeque o poder de Napoleão e afirmou um poder europeu respeitado, mas Nicolau I perdeu muito do capital de prestígio adquirido até então; o eslavofilismo e o ocidentalismo defrontaram-se internamente, entre o isolamento e a abertura; a derrota russa na Guerra da Crimeia (1854-56) agravou tudo; a tentativa reformista de Alexandre II, morto por radicais (1881), procurou responder sem sucesso à profunda depressão, não tendo Alexandre III e Nicolau II quaisquer condições para inverter a tendência negativa. O fim da I Grande Guerra, a revolução russa, a vitória sobre Hitler, o início da reconstrução, a guerra fria, a ilusão da Perestroika e a ambiguidade imperial de Putin nos dias de hoje – eis o que obriga a uma séria reflexão. A excursão histórica empreendida pelo autor leva-nos a entender que um futuro europeu de paz e de desenvolvimento exige a compreensão e o conhecimento da situação russa: «a Rússia é essencial para a solução dos mais graves problemas internacionais, sendo um aliado indispensável por exemplo na luta contra o terrorismo islâmico, pois este é também uma séria ameaça para Moscovo. A História mostrou que, não obstante todas as vicissitudes e dificuldades, a Rússia é um país com fortes raízes europeias. Os grandes momentos da sua existência estão ligados ao velho continente, restando apenas continuar à procura do melhor "modus vivendi" entre todos os povos europeus, onde as suas tradições, costumes e direitos sejam respeitados».

NOTA
Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura

Câmara Municipal da Póvoa de Varzim

Luís Diamantino e Susana Saraiva (do Casino da Póvoa)

17.º encontro de escritores em que o livro é a estrela...

ISABEL FERNANDES

Afonso Cruz, Alberto Serra, Álvaro Magalhães, Ana Carvalho e Ana Luísa Amaral; mas também Carlos Vaz Marques, Eduardo Lourenço, João Gobern e Inês Pedrosa, assim como Onésimo Teotónio Almeida, são apenas uma ínfima parte da longa lista de convidados – mais de 70, representando 11 países – que se juntarão este mês na Póvoa de Varzim. Vai abrir o ano literário... Se procurássemos um slogan não seria muito diferente disto e (quase) todos saberiam ao que nos referíamos! O Correntes d'Escritas - Encontro de Escritores de Expressão Ibérica! Com mais um dia do que em edições anteriores, decorre de 23 a 27 de Fevereiro.

Conversas, debates, sessões de poesia, lançamentos de livros, exposições, feira do livro, música e cinema ocuparão os cinco dias da 17.ª edição do Correntes d'Escritas, que tem ainda como ponto alto os prémios. Desde logo, o Prémio Literário Casino da Póvoa – que conta este ano com 13 finalistas de 170 obras a concurso –, mas também o Prémio Literário Correntes d'Escritas Papelaria Locus (destinado a jovens entre os 15 e os 18 anos e que distingue o melhor conto escrito em Português); o Prémio Conto Infantil Ilustrado Correntes d'Escritas Porto Editora (destinado a turmas do 4.º ano do Ensino Básico) e o Prémio Literário Fundação Dr. Luís Rainha Correntes d'Escritas (que premeia uma obra escrita em Português, cujo tema seja a Póvoa de Varzim).

A Revista Correntes d'Escritas deste ano é dedicada ao escritor António Lobo Antunes – "um autor que agrada a muitos, desagrada a muitos outros, mas um grande escritor", como explicou Luís Diamantino, vice-presidente da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim e vereador da Cultura, na conferência de imprensa de apresentação do programa do Correntes d'Escritas – e conta com os depoimentos de Norberto do Vale Cardoso, Ana Paula Arnaut, Rui Vieira, Vergílio Alberto Vieira, Sérgio Sousa, Susana Carvalho, Rui Zink e Harrie Lemmens. A publicação, que vai no n.º 15 e inclui ainda contos e poemas, será lançada durante a cerimónia oficial de abertura, juntamente com o anúncio do vencedor do Prémio Literário Casino da Póvoa, no valor de 20 mil euros. A sessão realiza-se no dia 24 de Fevereiro, às 11 horas, no Casino da Póvoa, e contará com a presença do ministro da Cultura, João Soares, como Luís Diamantino revelou na conferência de imprensa. De regresso ao Cine-Teatro Garrett, é tempo de assistir à Conferência de Abertura. Subordinada ao tema «O Silêncio dos Livros», terá como orador José Tolentino Mendonça e início às 15 horas. Explicando a escolha deste nome para um dos momentos-altos do certame, o autarca brincou considerando que as explicações seriam redundantes, mas sempre reiterou: "José Tolentino Mendonça é um escrutinador da sociedade actual. Ele procura, no seu estudo da sociedade, dar respostas, abrir caminhos, filosofar e fazer reflectir – que é algo que fazemos muito pouco, cada vez menos – sobre o momento que estamos a viver. E é isso [reflectir] que nos faz descobrir outros caminhos com o Tolentino Mendonça. Para além de ser um escritor que utiliza muitas metáforas e alegorias que nos levam para vários caminhos e não nos levam a caminho nenhum". Realçou ainda o facto de este escritor/pensador analisar a sociedade de uma forma muito própria e particular; de ir ao "âmago das questões para clarificar os assuntos que aborda". Daqui parte-se para a primeira mesa (às 17h30) onde será abordada «A Literatura é a catarse da existência» por Antônio Torres, Eduardo Lourenço, Hélia Correia e Manuel Alegre. José Carlos Vasconcelos será o moderador. «Não me interpretem mal» é o tema da segunda mesa, às 22 horas, numa espécie de "Governo Sombra da Literatura", pois os convidados são

Carlos Vaz Marques, João Miguel Tavares, Pedro Mexia e Ricardo Araújo Pereira. As restantes nove mesas distribuem-se pelos outros três dias, cujo tema da última mesa – às 16 horas de 24 de Fevereiro – «nada acaba no fim» terá como oradores Afonso Cruz, Héctor Abad Faciolince, José Luís Peixoto, Luís Sepúlveda (que regressa depois de ausente em algumas edições) e o assíduo Onésimo Teotónio Almeida – presente pela 17.ª vez – com moderação de Maria Flor Pedroso.

Durante os cinco dias irá realizar-se a Feira do Livro, como acontece habitualmente. Este ano, porém, a organização leva a iniciativa para a rua: "Este ano, tivemos a preocupação de trazer mais um dia as pessoas ao centro da cidade, tê-las cá e fazer com que transbordem do Cine-Teatro Garrett para a rua e vice-versa" Para tal será montada uma tenda em frente ao Cine-Teatro e que "fará a ligação ao Garrett".

A poesia voltará a encher a cidade: no dia 23, «três vozes transeuntes nas ruas da poesia» ecoarão o evento pela Póvoa de Varzim. Os poetas Isaque Ferreira, João Rios e Rui Spranger partem da Câmara Municipal e percorrem os locais mais frequentados, como o Mercado Municipal, prometendo "não deixar ninguém indiferente". A poesia terá este ano ainda mais espaço no Correntes d'Escritas com a iniciativa «Leituras sobre Rodas», que se realizará pela primeira vez e que será uma viagem cultural em miniautocarro pelo concelho, com leituras. São três as propostas que a organização criou: uma passa pela leitura de poemas de autores presentes na edição deste ano, por Alberto Serra e Aurelino Costa; outra propõe leituras de poemas de Mário de Sá-Carneiro, por Isaque Ferreira, no âmbito do centenário da morte do autor; a última proposta assinala o centenário do nascimento de Vergílio Ferreira com as leituras de textos da sua autoria e que terão lugar no autocarro que transporta os convidados do hotel para as diferentes sessões. Para as duas primeiras é obrigatória a inscrição até à lotação do número de lugares, 14.

De assinalar que haverá ainda uma mesa dedicada à tradução coordenada pelo tradutor de Português para Alemão Michael Kegler, com a participação de Inês Pedrosa, Ana Luísa Amaral, Harrie Lemmens e Bárbara Mesquita, com data e local ainda por definir à hora de fecho desta edição, bem como a apresentação da selecção de imagens de escritores ao longo de várias edições do Correntes captadas pelo fotógrafo Daniel Mordzinski. Como acontece todos os anos, o Correntes d'Escritas viajará até Lisboa, ao Instituto Cervantes, onde Antônio Torres, Andrés Barba, David Toscana, Daniel Sánchez Pardos e Nuno Costa Santos falarão sobre «Escrevo, critiquem-me». Será no dia 1 de Março, às 18h30.

Mas nem só de escritores se compõe o Encontro de Escritores de Expressão Ibérica. É a festa do livro que liga vários agentes ligados à Literatura e ao livro: o público em geral e todos os que gostam do livro e da leitura, para além de escritores, reúne editores, críticos literários e jornalistas. E, por isso, é sempre uma altura aproveitada para apresentações de livros. Desta feita, serão mais de duas dezenas de autores a apresentarem as suas obras: Ivo Machado; João Rios; Nuno Costa Santos; Inês Pedrosa; Antônio Torres; Helena Vasconcelos; José-Alberto Marques; Pedro Teixeira Neves; João Paulo Sousa; Héctor Abad Faciolince; João de Melo; Luís Castro Mendes; Filipa Leal. Será ainda lançada a «Antologia de Contos de Escritores Angolanos», organizada por Margarida Reis e António Quino e editada pela faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pela União dos Escritores Angolanos, cuja edição se integra nas comemorações do 40.º aniversário da independência de Angola.

Para além de livros, haverá tempo para o lançamento das revistas «Flanzine», totalmente preenchida por autores brasileiros, seleccionados em conjunto com o editor da revista «Elefante de Menta», também a apresentar no certame e completa apenas com autores portugueses; e a «Delphica letras & artes 3», com a presença de dois dos seus editores, Rui Vieira e Vergílio Alberto Vieira.

Cinema, exposições, música...

Em colaboração com o Cineclube Octopus, o Corrente d'Escritas apresentará também cinema. No dia 25, às 21h45, será exibido o filme «A morte de Carlos Gardel», de Solveig Nordlund, baseado na obra com o mesmo nome de António Lobo Antunes. Ainda no âmbito do Encontro de Escritores, será apresentado «O Quarteirão», de Jorge Vaz Gomes, a partir da colecção «O Bairro», de Gonçalo M. Tavares.

A 17.ª edição do Correntes d'Escritas contará ainda com exposições. Serão duas. «O mundo de António Lobo Antunes», de Ana Carvalho, composta por ficções fotográficas inspiradas na obra do autor homenageado este ano na Póvoa de Varzim. A mostra estará dividida em três partes: Personagens/Vozes; Memória; Cenários. António Lobo Antunes considera que "a Ana decidiu ilustrar, à sua maneira, o que ela considera um universo ficcional. É evidente que existe uma coerência na minha obra, é evidente também que os livros formam um continuum, mas não me cabe a mim elucida-lo. Essa tarefa compete ao leitor. A Ana entendeu-o assim e dele dá testemunho nas suas fotografias". O escultor e pintor Hélder de Carvalho é o autor da segunda exposição, «Rostos em volta». Retratos pintados, desenhados ou esculpidos em vários formatos e materiais, de escritores, poetas, artistas de várias gerações, do passado e do presente estarão espalhados por vários espaços da cidade, criando um roteiro de rostos. Do Museu Municipal ao Arquivo Municipal, passando por algumas lojas comerciais, a mostra convidará o espectador a percorrer a cidade para se inteirar de toda a sua dimensão.

Mas recuemos ao primeiro dia (23) – primeiro dia do Correntes d'Escritas –, altura em que é apresentada a edição ilustrada, revista e ampliada do «Dicionário de Eça de Queiroz», de A. Campos Matos. Esta sessão – com início às 17 horas, na sala de actos do Cine-Teatro Garrett – terá a participação do organizador da obra e a apresentação caberá a Isabel Pires de Lima. Ao referir-se a esta primeira iniciativa, na conferência de imprensa, Luís Diamantino recordou João Marques que, na última edição, apresentou a obra do padre António Vieira, dando, nas palavras do vereador da Cultura e mentor do Correntes d'Escritas, "uma excepcional aula sobre a obra do padre António Vieira e que seria a sua última grande aula". Recorde-se que o historiador poveiro João Marques foi homenageado pela autarquia e faleceu recentemente. Avançou na mesma altura que no dia 6 de Março – quando passa um ano da sua morte –, a Câmara Municipal irá homenagear o estudioso e historiador descerrando uma placa na sua casa, lançando postumamente o quarto volume de «A Obra Selecta», de João Marques.

Às 22 horas, deste mesmo primeiro dia, o Cine-Teatro acolhe António Victorino d'Almeida para um concerto comentado com Miguel Leite, onde o maestro "dará asas à sua extraordinária capacidade de improviso". Tendo o maestro como figura central e o piano a ocupar lugar de destaque, o diálogo fluirá com naturalidade, evocando "características intrínsecas da Portugalidade" e abordando figuras da Cultura Portuguesa tão distintas como Amália Rodrigues (1920-1999), Carlos do Carmo (n. 1939), Carlos Paredes (1925-2004), abordando compositores portugueses como Frederico de Freitas (1902-1980) ou Joly Braga Santos (1924-1988). A entrada para o espectáculo, que conta com a participação especial de Aurelino Costa, é livre até à lotação da sala.

Mantendo a parceria com os CTT da Póvoa de varzim, o Correntes d'Escritas contará com o «meuselo», o que permitirá aos participantes, aos convidados e ao público em geral adquirir um selo personalizado com o evento em destaque. Para tal, os CTT da cidade estarão no local com o equipamento necessário para o efeito. O «meuselo» é um produto CTT que possibilita a personalização de selos auto-adesivos, através da incorporação de imagens e/ou textos.

Este encontro, onde não há estrelas – a não ser o próprio livro –, não esquece as escolas desde o Ensino Básico ao Superior, onde é lançada a semente da leitura, levando os escritores aos alunos, mas trazendo também escolas ao Correntes. O vice-presidente da Câmara da Póvoa é peremptório na mais-valia que estes encontros entre alunos e escritores representam: "O contacto dos escritores com os alunos tem sido excepcional". E garante que não é mais gratificante para os alunos do que para os escritores. É uma troca em que todos ganham em igual medida. E o prazer que os autores têm em falar para e com leitores de hoje, possíveis escritores de amanhã é revelado por Luís Diamantino: "Há escritores que participam no evento só para irem às escolas conversarem com alunos porque eles sabem que é ali que tudo se processa e se resolve".

Paulo Samuel
ensaísta e investigador

António Quadros e António Telmo

Em memória de uma amizade

Coordenado por Mafalda Ferro (da Fundação António Quadros), por Pedro Martins (do Projecto António Telmo – vida e obra) em colaboração com Rui Lopo, este livro surge a público pelo Labirinto de Letras Editores (acolhimento dado pelo Dr. José António Barreiros), em parceria com a Fundação António Quadros. Na contracapa, inscrevem-se duas passagens epistolares que justificam a edição: a importância que cada um dos destinatários atribui às cartas que recebe, nas quais está ausente a banalidade do quotidiano, a confissão de transvios pessoais ou alheios, muito menos a maledicência centrada nos "outros", de que a epistolografia, mesmo a dos intelectuais, não é isenta.

A singularidade que encontramos nesta obra desenha-se na sua estrutura e densidade. É incomum reunir num só livro – a excepção só se verifica num repositório antológico ou num dicionário de autores – tantas colaborações e referências de ordem biobibliográfica, contextualizando um núcleo central. Este é constituído pelas cartas que trocaram, ao longo de décadas, mas com maior ritmo de frequência na década de 80 do século passado, duas figuras centrais do pensamento português, referenciais no círculo que, com legitimidade, se pode dizer identitário da "Filosofia Portuguesa" – António Quadros e António Telmo.

Após as primeiras páginas que identificam a natureza do livro, oferece-se ao leitor um "prefácio", assinado por António Carlos Carvalho, que se detém com incidência memorialista no trajecto filosófico e vivencial de ambos os epistológrafos. Um separador marca a passagem para o corpo central do livro, constituído pela transcrição das cartas, tarefa realizada por Pedro Martins e Afonso Cautela a partir dos originais autógrafos que integram os espólios dos dois pensadores. Trata-se de um conjunto de trinta e três missivas, umas mais extensas do que outras, todas importantes, embora algumas de maior relevância, escritas entre 1959 e 1991. Às cartas acrescem estudos complementares, sínteses biográficas, apreciações críticas cruzadas de Quadros e Telmo sobre a produção literária e filosófica de ambos, textos alheios (António Quadros Ferro e Rui Lopo), prefácio (de António Carlos Carvalho) e posfácio (do Professor João Ferreira). As XXXIII cartas têm anotações, com maior ou menor extensão, de Mafalda Ferro, Pedro Martins, Rui Lopo e João Ferreira. No geral, as notas servem a explicitar determinadas passagens ou comentários que podem ser estranhos ao leitor, identificam situações, iniciativas, locais e vivências, esclarecem relações familiares ou conviviais, revelam causas determinantes ou resultados e efeitos decorrentes da acção dos dois interlocutores, propiciam sínteses biográficas, bastante completas e actualizadas, daqueles que são invocados ou acessoriamente referidos no decurso do carteio, enfim, registam pormenores e informes de inegável interesse e importância. Segue-se um "anexo" que corresponde a um texto inédito de António Telmo, encontrado no seu espólio, intitulado "O estilo de Leonardo Coimbra", cuja hermenêutica aponta para fase madura do seu pensamento. Uma rubrica intitulada "depoimentos" reedita texto de António Quadros titulado "António Telmo, filósofo da razão estética". Por sua vez, a presença "crítica" de Telmo traduz-se no texto "António Quadros, a Lua e a Primavera", versão impressa do testemunho oral que o autor prestara aquando da homenagem a Quadros, realizada enquanto Sabatina no dia 29 de Outubro de 1993, na Sociedade de Língua Portuguesa, em Lisboa. Os "estudos complementares" incluem três escritos de diferente autoria e propósito: a) no primeiro, de António Quadros Ferro (neto de António Quadros), sob o título "Em memória de uma amizade", o leitor acompanha as fases de relacionamento de António Quadros com António Telmo, os momentos da criação de revistas literárias, os projectos editoriais e a recepção dos seus livros junto dos amigos; b) o segundo constitui um levantamento, entrosado de comentário ensaístico, feito por Rui Lopo, acerca da presença de António Quadros no "debate cultural português", no qual se descrevem os contornos de algumas das polémicas em que se envolveu o filho de António Ferro com outros intelectuais do seu tempo, de Artur Portela (Filho) a José Augusto Seabra; c) o terceiro estudo complementar corresponde a um breve mas penetrante depoimento de Pedro Martins, sob a epígrafe "Os privilégios são difíceis", no qual o autor partilha a corrente de afecto e amizade que o liga, principalmente, a António Telmo, com o qual conviveu em tertúlia ou num relacionamento pessoal mais próximo, em Sesimbra.

As notas biográficas sobre António Quadros e António Telmo correm por conta de Mafalda Ferro e Pedro Martins. Encerra o volume, a preceder o índice geral, o "posfácio" de João Ferreira, coetâneo e comum amigo de Quadros e Telmo, professor titular da Universidade de Brasília. Para o estudioso da problemática da «Filosofia Portuguesa», este epistolário é a "expressão do diálogo de dois pensadores-filósofos com forte presença no pensamento português e na filosofia da história de Portugal contemporâneo".

NOTA

António Quadros e António Telmo.
Epistolário e estudos complementares.
Lisboa: Labirinto de Letras Editores/Fundação António Quadros, 2015.

NOTA

Versão reduzida e adaptada da apresentação efectuada no dia 29 de Janeiro de 2016, no espaço da Editora Labirinto de Letras, no Porto.

Júlia Serra
professora

Sobre *Diário Imperfeito* de José Nuno Pereira Pinto

Este diário é classificado de "imperfeito" talvez por ficar inacabado, agarrado à última frase do Epílogo da obra, e ao hipotético "se": "Das agora quando se como porquê para quê se" (p. 500). De salientar este texto final, em que o narrador – exprimindo as emoções, as aprendizagens e vivências de toda a vida – pretende transmitir ao leitor, pela simbiose de palavras, esse turbilhão confuso e torrencial de sentimentos que o acompanharam no tempo e que, agora relembrados, dão a imagem de outro ser fundido na dialética temporal. O Diário termina com um discurso torrencial, dramático, sem pontuação, revelando o estado emocional do autor. Haverá, no entanto, razões para este Diário ser designado de "Imperfeito"? Nesta linha de pensamento, poderia ser "Inacabado", uma vez que fica em aberto. Inclino-me mais que a classificação de "Imperfeito" resulta da imperfeição humana e da exímia perfeição do autor ao pretender tornar o possível como impossível. Esta assunção de "Imperfeito" poderá, assim, traduzir a humildade do autor perante a dificuldade de expor todos os acontecimentos e de se expor perante *o outro*.

Classificada como diário, esta obra é o relato minucioso de uma vida, cheia de percalços e dramatismo, mas também de alegrias e de elevação que ajudaram a moldar o ser que é hoje e confrontá-lo com o que foi. É esta investida nas suas estórias e na história que contribuem para consubstanciação do enredo, afastando-o do formalismo oco e vazio. Homem de Fé e lutador acérrimo pela justiça, José Nunes Pereira Pinto revela a sua verticalidade ao longo da vida, conforme se pode constatar nos vários episódios que relata sobre a sua passagem pelo Seminário, onde travou confrontos com os seus superiores, particularmente, com D. António Ferreira Gomes. Não se ficava pela escrita, muitas vezes, forçava encontros para dizer presencialmente o que não poderia ficar adiado. Apaixonado pela arte em geral, mas particularmente, pela música e pelo ballet, quantas vezes, nos intervalos da sua vida de seminário ou paroquial, se escapava para poder deleitar-se com Maria Callas ou com a marcha triunfal da Aida "Olhou-me. Nada disse. Era a marcha triunfal da Aida" (p. 36)! Qualquer instrumento musical lhe agradava, mas a flauta e o piano suscitavam-lhe gostosas recordações – quando estava de férias, o tio Alfredo tocara flauta para ele: "Um dia, o tio Alfredo chamou-me. Tirou a flauta do estojo e disse-me: Vou tocar-te uma música" (p. 25) – que a todo o momento ajudavam a apaziguar o espírito. O piano, em Travanca, ficou-lhe para sempre e, no epílogo, quando visita o Presbitério com o seu amigo Albano, coadjuvado pelo sr. António e pelo Sacristão, sr Afonso, não esconde a emoção quando pisa a sala do piano. O som da flauta, na sua intuição, era o mais parecido com o canto e isso despoletava-lhe o canto clássico e as Óperas que tanto amava. São muitos os episódios contados durante a sua passagem pelo Seminário, sobretudo o da Sé, mas a sua colocação numa Paróquia, também esteve sujeita a diversas interdições e a indigitação para Sandim, em 1959, ficou-lhe sempre marcada, pois jamais poderia esquecer as palavras de D. António: "Para mim, os Padres são como as armas: deitam-se à lama. Se enferrujarem, deitam-se fora" (p. 117). O padre Pereira Pinto sabia que iria para uma freguesia com cinco mil habitantes, rural e muito extensa, onde havia um pároco ancião com 84 anos que vivia com a irmã de 82 anos. Não seria tarefa fácil para um padre novo e com desejos já expressos de pretender continuar a estudar, pois queria tirar três cursos, desiderato que veio a cumprir.

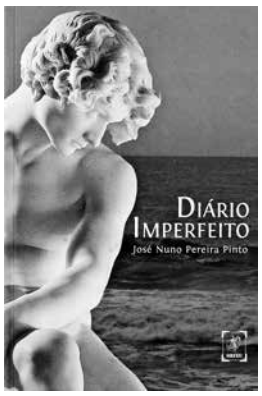
Mais tarde, é transferido para Travanca e, a propósito de uma Tragédia em Lourosa, por causa da saída do pároco, desfere mais um golpe na estrutura episcopal: "Escrevo a V. Ex.ª Reverendíssima, em horrorizada indignação! Como foi possível V. Ex.ª Reverendíssima ter-se valido da força do Estado, que miseravelmente anuiu, para fazer valer a saída do Pároco de Lourosa? (...) "Senhor Bispo: eu tenho horror pelo que aconteceu e sinto vergonha como cristão e como clérigo, por aquilo que V.ª Ex.ª ordenou que se fizesse! V. Ex.ª Revma. escreveu uma página trágica, para a história da Diocese do Porto" (p. 191).

Este e outros episódios constam nesta obra e testemunham a forte personalidade do autor, não só na qualidade de clérigo, como também como professor, em vários estabelecimentos de ensino. As marcas mais fortes ficaram no Liceu de Matosinhos, onde veio a pertencer à Comissão de Gestão, aquando do momento da Revolução de Abril. O narrador conta-nos os pormenores da mudança vivida na Escola em sintonia com os novos ideais que iam sendo proclamados. São aqui evocados os fervores dos revolucionários ligados ao PCP e à UEC - União dos Estudantes Comunistas, a intervenção do COPCON, enfim, é relatada toda a instabilidade que se instaurou nas escolas e na sociedade em geral, após a Revolução.

Para além dos episódios em torno da vida académica e profissional, o narrador inclui, num tom mais leve e poético, esparsas da sua vida familiar e das viagens que fez com Natividade, sua esposa. Evoca-a com muito carinho e saudade, através de poemas escritos por ambos e aproveita as paragens mais inóspitas, para fazer incursões na Literatura – caso da Cantata de Dido. Pode dizer-se que os autores portugueses acompanharam sempre o seu pensamento, desde a Literatura Clássica até ao Modernismo, pois cita Antero de Quental, Eça de Queirós, José Régio, Saramago e até Eugénio de Andrade, por quem manifesta algum desagrado pelo egotismo exacerbado exibido pelo poeta. Escreve, a este propósito: "Foi inexorável a minha sensação de vazio perante esta leitura, que chegou a ser penosa. A movimentação no vazio é necessariamente frustrante. E, se Eugénio de Andrade chamou para si a ambição de exprimir uma certa consciência do mundo (Rosto Precário), não o conseguiu." (p. 245).

O narrador pretendeu contar a sua vida e incluir todos quantos fizeram parte dela, ou pelo bem ou pelo mal e, com esse intuito, desmitificou uns, o proclamado fazedor de mitos, D. António Ferreira Gomes, e libertou outros – caso do Dr. Soares da Rocha que foi uma vítima e cuja grandeza de caráter não foi respeitada. É, portanto, uma obra que parte do "eu" e desabrocha em várias explanações, que reforçam o seu caráter intimista e a envergadura intelectual do autor. Sujeito de artes e de silêncios, investigador perspicaz e persistente, lutador até às últimas consequências – eis algumas características de José Nunes Pereira Pinto que sobressaem neste seu Diário.

Só é "imperfeito" porque o autor assim o escreveu na capa; para o leitor ele é perfeito. Quem ousaria escrever quinhentas páginas sobre a sua vida, resultantes de tanta investigação e de tantos recursos memoriais?



Anderson Braga Horta
mineiro de Carangola; poeta; ensaísta e crítico

O romance de Adelto

I O professor Adelto Gonçalves é conhecido e enaltecido pelo exercício da crítica literária, função que desempenha com segurança, simpatia e estilo tanto nos modernos meios de comunicação virtual – importantes sites do País e do exterior, notadamente Portugal – quanto em órgãos da imprensa tradicional. A qualidade, a frequência e a intensidade desse trabalho, uma das mais louváveis exceções à tendência dos grandes periódicos, hoje, de eliminar a resenha crítica regular a cargo de profissionais "do ramo", competentes e respeitados, fazem, por si sós, benemérita a pena do escritor.

A crítica registra e analisa a produção literária, atuando como fiel e guia do leitor e armazenando, para os historiadores e estudiosos do setor, informações sem as quais a pesquisa seria um perder-se na floresta, cada vez mais densa e intrincada, dos produtos e despejos editoriais. Sem a crítica restam a publicidade e a resenha expositiva, cumpridoras, é certo, de um papel respeitável, mas incapazes, por definição, de ir ao âmago da criação literária, em termos de técnica, de humanismo e de arte.

Além disso, é autor de ensaios literários, históricos e biográficos como, apenas exemplificando, os que dedicou a Bocage, Tomás Antônio Gonzaga e Fernando Pessoa, que lhe aumentaram a notoriedade e lhe granjearam justos prêmios.

Finalmente, sabemo-lo autor de narrativas ficcionais, como os contos de *Mariela Morta* (sua estréia, em 1977) e o romance *Barcelona Brasileira*, publicado em Lisboa, em 1999, e em São Paulo, em 2002. Quanto a mim, tomo conhecimento direto desta sua faceta de escritor apenas agora, com a recente publicação, por LetraSelvagem, da segunda edição de *Os Vira-Latas da Madrugada*. Tendo-o escrito no final da adolescência, refundiu-o em 1977-78, vindo essa versão a merecer destaque, dois anos depois, no Prêmio Nacional José Lins do Rego, da editora José Olympio, que o publicou em 1981.

II A trama tem base na realidade, passando-se em Santos, num espaço fervilhante de vida e de miséria, entre o porto, o bairro Paquetá e o centro da cidade. Os personagens são – diz em nota o editor, Nicodemos Sena – "ex-sindicalistas, punguistas, jornaleiros, vendedores de jogo do bicho, catadores de restos que caem no transporte antes de chegar aos navios, mendigos, engraxates, cafetinas, cafetões, prostitutas e jovens aprendizes de todo tipo de expediente"; os "vira-latas", diz o posfácio de Maria Angélica Guimarães Lopes, são os moleques do bairro.

E o tempo? Este, segundo o autor, "não existe, os acontecimentos se confundem, as datas são esquecidas"; não obstante, deve ser afastada a idéia de uma intemporalidade absoluta: a trama se desenvolve às vésperas do golpe militar de 1964, que lhe impõe um corte brusco, sem o recurso usual de um final definitivo.

Conforme detalha Ademir Demarchi nas orelhas, em que lhe traça ágil roteiro, há um plano de fundo fortemente político por trás do enredo, com personagens que rememoram a Coluna Prestes e a era Vargas, tomados em cena "no período pré-golpe".

Desse grupo humano emergem com força figuras marcantes como o velho Marambaia, seu calejado "mestre", e o jovem Pingola com sua explorada amante, a jovem prostituta Sula. Marambaia, legendário participante da Coluna, depois homem do mar e, nessa condição, capitão de motins em defesa de direitos dos marujos, é forte presença nessas páginas, com um halo de conselheiro e mentor. Pingola, seu protegido, malandrinho, mas aprendiz de estatuário, leva sua contradição até a página final, quando parece tomar consciência de sua condição subumana e apontar os olhos para uma meta.

O verdadeiro protagonista do romance, assim o sentimos, é a sua humanidade sofrida, recalcada em patamares de primitivismo socioeconômico. O livro estrutura-se em três "confissões", palavras do eu-narrador que o comentam e definem, cada uma delas introduzindo uma de suas partes, culminando com uma "Última confissão", sem sequência, espécie de brevíssima coda à guisa de "moral da história". É interessante registrar como numa dessas confissões, a segunda, o romancista nos adianta uma das vertentes mais notórias do futuro crítico, o ensaio de fulcro histórico, ao discorrer sobre a origem e a etimologia do nome de batismo da região do Paquetá, com base nas anotações de Francisco Martins dos Santos, em sua *História de Santos*, de 1937; e, naturalmente, ao descrever o Paquetá de "hoje".

III Sobre quem leia o livro salteadamente, randomicamente – eu mesmo às vezes o faço, e isso é possível no caso, pois os capítulos de *Os Vira-Latas da Madrugada* soem ter um fechamento que lhes permite o folheio aleatório –, impende o risco de acabar pespegando-lhe o rótulo de niilismo, tal o acúmulo de desgraças e humilhações que relata. Se se detiver nas páginas que descrevem a animalesca fúria repressória e torturadora dos beleguins da quartelada, ou nas que pintam a loucura supostamente revolucionária do velho Marambaia, seguida de seu covarde assassínio, tal conclusão parecerá indiscutível: a mensagem seria de treva e desesperança.

Mas o capítulo do enterro do negro artesão, quando Plínio intui que Marambaia "aproveitara o dinheiro do jogo do bicho para dar ao pobre João de Angola um enterro decente", antecipa conclusão bem diversa. Pois, "então, Plínio sentiu uma ternura imensa por Marambaia; nem tudo no mundo era mesquinharia"; e "de repente, ali, inclinado sobre os joelhos, descobria a solidariedade, a honestidade, a amizade, valores que pareciam mortos". Outro momento luminoso é o que encerra o volume (antes da já comentada "confissão" final), com Pingola, após o sepultamento de Angola, que lhe ensinara a arte de esculpir em madeira, e o martírio de Marambaia, seu protetor, abraçando a companheira grávida:

> "Amanhã, iremos embora desta merda de cais... Vamos começar de novo. Ele vai precisar de um pai de quem possa ter orgulho", diz, apontando com os olhos para a sombra do ventre inchado da mulher que se desenha na parede.

Valida-se, assim, em termos de fé – ou pelo menos de esperança – em nossa tumultuosa humanidade, este belo romance de Adelto Gonçalves, válido essencialmente, de resto, pelo vigor da narração e pela compassividade intrínseca do narrador.

NOTA

***Os Vira-latas da Madrugada*, de Adelto Gonçalves. Associação Cultural Letra Selvagem, 216 págs., 2015.**

Cláudio Lima
poeta

Cântico ao AMOR - Poemas de Manuela Morais

Regista a poesia portuguesa muitos *cânticos de/ao amor*. Em diversos ritmos e rimas, nos mais variados modos e níveis de o sentir e conceber. Poemas refletindo o embevecimento contemplativo da pessoa amada ou as vagas impetuosas da paixão, consoante a pulsão erótica de corpos e almas que lhes dão suporte e sentido.

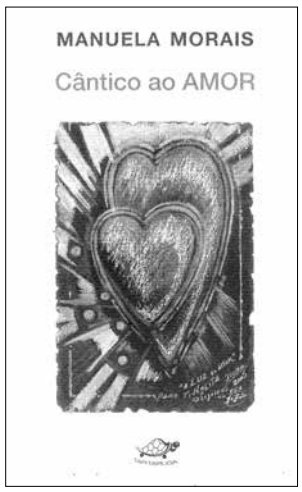
Manuela Morais publicou recentemente, na editora *Tartaruga*, que criou e mantém ativa desde 1994, um livrinho a que deu o título de *Cântico ao AMOR*. São 33 poemas breves, de verso curto e fluido onde, com delicada sensibilidade, evoca os dois grandes amores de sua vida: primeiro Fernão de Magalhães Gonçalves, (1943/1988) o malogrado poeta e escritor subitamente falecido em Seul (Coreia do Sul) em cuja universidade se encontrava como leitor de língua e cultura portuguesas –; depois José Manuel Espiga Pinto (1940/2014), consagrado escultor, pintor, desenhista e medalhista, com quem partilhou muitos afetos, sonhos e cumplicidades entre Vila Viçosa e o Porto, em idas e voltas de trabalho, lazer e convívio.

Começa por inserir dois poemas que o Fernão lhe dedicou, onde podemos ler: "nome feito à unha numa / tábua da cama / com um cristo na cruz por testemunha" ou "neste poema concreto vai / apenas um beijo o / desejo de / contigo correr entre os silvedos (...)" Depois, como epígrafes, os dois conhecidos sonetos "Amor é um fogo que arde sem se ver" (Camões) e "Eu quero amar, amar perdidamente!" (Florbela). Segue-se um esboço biográfico (*O Sinalagma do Amor*) em que M. Verdelho recorda a menina e moça que em Murça se apaixona pelo jovem professor e assim inicia uma aventura que será intensa e extensa, "pelo mundo em pedaços repartida". Finalmente, num curto *Prefácio*, Pedro Teixeira da Mota simbolicamente alude à dança entre os irmãos Eros e Anteros, "dança entre o amor irradiado e o amor correspondido".

Duas palavras sobre a poesia da autora. Muito segura e autêntica na expressão da felicidade plena, conquanto efémera; na reconstituição de uma cartografia de vivências, partilhas e perdas nela aflorada recorrentemente. "Desenhaste no meu coração / lagoas luminosas, / uvas douradas pelo sol / nas raízes do amor / em / construção." (pág. 23); "Ensina-me um coração alegre / e generoso / como o teu. // Ensina-me a semear abundantemente / o amor, / com júbilo, / no mais profundo do meu ser." (pág. 37); "Mostra-me o tempo / de escutar a respiração / do teu corpo / sobre o meu / de tuas mãos vestido, (...)" (pág. 42); "Não tenho mais palavras / gastei-as a chamar-te, / quase enlouquecida / de sentir-te / e não poder tocar-te. // Hoje o que sei dizer / faço-o em versos / para recordar-te." (pág. 53)

Por estes pequenos excertos se pode constatar o quanto para a Autora a poesia funciona como instrumento catártico e apaziguador; espécie de escudo e refúgio contra o desespero e a revolta. Se o mundo é absurdo (Camus); se a vida nos surpreende negativamente, cerceando sonhos e ideais, sejamos fortes contra a adversidade, transferindo estados de alma negativos para estádios elevados de confiança numa força que nos supera e nos conduz, conscientes dessa "admirável harmonia do universo", com "nossos luminosos corpos / prodigiosamente atraídos / pelo divino construtor." (pág. 49)

Apesar de algumas nuvens intercalares e tenebrosas, a poesia de Manuela Morais é luminosa.



Martinho Soares
UCPorto e investigador do CLEPUL-Porto

Literatura e Religião II: *Seis Sermões contra a preguiça*

O Sermão religioso impôs-se desde a sua origem, no séc. IV, da boca de S. Gregório Nanzianzeno, S. João Crisóstomo, S. Pedro Crisólogo, Santo Agostinho e de tantos outros padres da Igreja, como um instrumento altamente eficaz de catequização, de morigeração, de anagogismo. Ao longo dos tempos, para além dos inextricáveis propósitos doutrinários, lúdicos e morais, não raro serviu fins políticos e ideológicos (veja-se Pe. António Vieira e os pregadores autonomistas do período da Restauração). A parenética sacra assimilara bem os três princípios nucleares da oratória, estatuídos pelo portentoso orador romano Cícero, no séc. I a.C.: ensinar, deleitar, mover. Para fazer face à Reforma protestante, seminalmente marcada pelo amor ao púlpito, a Contra-Reforma aplica-se na reabilitação e incentivo do género sermonário. É assim que no Barroco, período áureo da Retórica cristã, vemos confluir as diretrizes do Concílio de Trento com uma *forma mentis* sumamente propícia e uma estética literária, o gongorismo, perfeitamente adequada. As Igrejas devêm espaços concionatórios por excelência e os púlpitos, pontos de convergência de enormes audiências, atraídas pela performance encantatória e pela verve ilocutória dos pregadores.

A última centúria, porém, assistiu a um notório e acentuado declínio da pregação religiosa, deixando-nos sem qualquer testemunho audível dessa rica e vasta tradição oral. Quis o infortúnio que se detivessem estas altissonantes e sirénicas vozes à entrada da revolução tecnológica donde surdirá o registo fonográfico. Perdida a prosódia, fica-nos um valiosíssimo e imenso arquivo escrito. Desde logo do extraordinário Pe. António Vieira, mas também de uma incomensurável plêiade de congéneres que ao longo dos séculos esmaltaram em palavras um assombroso e inestimável património religioso, moral, político, filosófico e retórico-literário. Infelizmente, ainda está por fazer o levantamento e o estudo histórico-literário deste impressionante acervo. A bem dizer, ele não está por fazer, uma vez que o saudoso e lúcido João Francisco Marques nos deixou centenas de fichas que foi providamente redigindo até ao termo dos seus dias com vista à publicação de um Dicionário Biobibliográfico da Parenética Portuguesa. Esperamos, pois, que haja recursos humanos e financeiros para trazer brevemente à luz esta monumental pesquisa.

No meio católico atual ainda há resquícios da pregação. Prega-se por ocasião de algumas festividades religiosas locais, mas de forma mimética e obsoleta, tentando pastichar o velho modelo calcificado que a Igreja em certas alturas usou para inspirar temor e reverência aos seus fiéis. No século das tecnologias, das sínteses, dos ismos, e de radicais mutações socioculturais, grandes géneros literários, como o drama, o romance, a poesia lírica, sobreviveram à custa de violentas e penetrantes alterações formais e ideotemáticas. Já ao género Sermão faltou plasticidade e contexto favorável, afigurando-se no novo sociossistema cultural praticamente extinto e de muito difícil reabilitação.

Um sinal contrário e encorajador é dado pela voz protestante, donde saíram os *Seis sermões contra a preguiça*, de Tiago Cavaco (Topbooks, Lisboa, 2015, prefácio de José Tolentino Mendonça). O pastor e prodigioso músico punk rock não só reabilita como faz a atualização (ou upgrade, como hoje se diz) da oratória sacra. Os seus sermões resultam de um bem conseguido jogo de sedimentação e inovação, estrutura e imaginação, denotando – como o próprio admite – influências do grande pregador e escritor de sermões norte-americano John Piper. A estruturação do discurso e alguns artifícios estilístico-semânticos como as perguntas retóricas, os paralelismos, as imagens, as repetições, as antíteses, as metáforas, os jogos de palavras, a argumentação ajudam a preservar o parentesco com a tradição sermonária. O próprio tema da acédia remonta à pregação medieval, época em que se iniciaram os sermões temáticos. A preguiça era então considerada um ignóbil labéu moral e um inimigo social que urgia combater. É justamente por hoje se ter reduzido este pecado a um inofensivo traço de caráter que Tiago Cavaco se empenha em demonstrar o quanto este defeito (tornado feitio) pode ser pernicioso para o indivíduo e para a sociedade. Inicialmente pregados para o auditório reduzido da sua Igreja Baptista em Lisboa, foi no novo púlpito cibernético do blogue *Voz do Deserto*, onde foram disponibilizadas as gravações, que as pregações alcançaram grande repercussão, dando azo à sua divulgação em livro. Pese embora a familiaridade genológica, o estilo discursivo é refratário, apresentando-se simplificado e refrescado na estrutura, na argumentação, na linguagem. Não oblitera a força persuasiva, a passagem bíblica que dá mote a cada sermão, o caráter tropológico e mobilizador, o efeito hedonista, o propósito catequizador e morigerador; no entanto, tudo isto é conseguido com notável sobriedade e eficácia, a que não será alheia a sua formação em Ciências da Comunicação, com uma linguagem acessível e objetiva, longe dos cultismos e hiperbolismos de outrora, e com um novo concetismo feito de ideias claras e originais, ilustradas com alegorias vívidas, retiradas do quotidiano, e apoiadas numa argumentação lógica bem elaborada e amiúde surpreendente.

O primeiro sermão tem por base um excerto do *Livro dos Provérbios* e enfrenta a preguiça como o oposto da inteligência ou um gesto ativo de estupidez. O segundo toma como conceito predicável a Segunda Carta de Pedro, e olha para a preguiça como uma ignorância ou um gesto passivo de inércia e de falta de compreensão. O terceiro parte da Carta de S. Paulo aos Hebreus e encara a preguiça como uma negligência ou falta de esperança. No quarto, exposto a partir do livro de Amós, a preguiça é entendida como corrupção, e coloca a tónica na apatia e na indiferença face à perversão e ao sofrimento dos que nos rodeiam. O quinto, a partir da Segunda Carta aos Coríntios, entende a preguiça como uma tristeza ou ausência da alegria em Deus. Finalmente, o sexto coloca a tónica nos danos causados pela preguiça, demonstrando como esta é censurável e merecedora de castigo.

Tiago Cavaco, músico e pregador, traz para solo lusitano uma tradição americana, onde as vozes da música e da pregação há muito se uniram em estreita cumplicidade. Os meios e os modos da Flor Caveira e do púlpito implicam prosódias e palavras bem distintas, mas comungam da mesma força, da mesma rebeldia, inconformismo e ideologia, contribuindo para fazer de Tiago Cavaco uma das VOZES mais originais e criativas da cultura portuguesa contemporânea.

Inácio Nuno Pignatelli
escritor

O pároco e o sacristão

Não o conheci muito bem. Eu era pequeno naquela altura e vinha passar as férias à aldeia com a minha avó e a minha madrinha numa casa toda forrada a vinha virgem em frente à Igreja de S. Emilião.

Por esse tempo já ele era pároco da freguesia há muitos anos. Era um homenzarrão, alto e entroncado, de rosto granítico onde boiavam dois olhos claros que tantos se enchiam de bondade como de uma espécie de zanga, de sopetão. Os cabelos eram crespos e curtos, a cara rapada e vermelha. Era o pároco de S. Emilião. Chamava-se Teodorico e parecia assim a quem o visse como um celta de batina que tivesse descido da Citânia.

Acerca dele contavam-se muitas histórias como as de umas célebres brigas com o regedor que quase tinham chegado a vias de facto na sacristia não sei por que motivo. Mas na Igreja exigia austera disciplina e alguma discriminação, homens à frente, mulheres atrás, crianças também à frente. E era cheio de particularidades a condizer com a sua figura.

Por exemplo: rezava em tom seráfico de mãos postas "Avé Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco" mas se a canalha fazia barulho lá à frente as sobrancelhas cerravam-se-lhe terríveis e desciam carregadas e o discurso surgia cheio de acentos e voz muito alterada como numa repreensão profunda "bendiita sois vóós entre as mulheres e bendiito é o fruto do voosso ventre Jesus", num jeito de comboio acelerado e irado pelos passageiros terem saído fora dos trilhos. Mas aquele aviso tinha o condão de por em sentido a criançada que logo voltava a assumir uma postura irrepreensível e ele tornava ao tom seráfico da sua reza como se nada se tivesse passado.

Se era dia de confesso, entrávamos na igreja e estava alguém a confessar-se eramos surpreendidos pela sua voz forte e cava, que devia assustar até os santos, vinda de dentro do confessionário e que ia dizendo repetidamente para o confessado:

- Sim, sim, e que mais, que mais?

Isso deixava em nós a ideia de que os penitentes deviam ser uns grandes pecadores.

Instalou na torre sineira da igreja um relógio que batia as horas, os quartos, as meias e os três quartos quer de dia quer de noite e era o terror da vizinhança e também lá pôs os altifalantes através dos quais, aos fins-de-semana punha a tocar alto uns discos de uma tal Casa Mordica que ninguém sabia onde fora descobrir e que além de outras músicas tocava os hinos nacionais de vários países incluindo o hino russo, isto em pleno período de ditadura em que estávamos de relações cortadas com a Rússia. Mas ali na freguesia ele é que mandava e era a autoridade.

Esses mesmos altifalantes deram brado na freguesia por alturas da procissão da Senhora da boa morte que se realizava todos os anos. O caso passou-se assim:

Tinha o pároco um sacristão a quem chamavam o Servo que o acolitava nas cerimónias e festividades. Ora na procissão da Senhora da boa morte para além dos andores, dos figurantes e do pálio era costume ir também um carro alegórico com raparigas vestidas de branco a quem chamavam as virgens. De forma que houve um ano que o Servo ao anunciar as festividades saiu-se com esta:

- Atenção, atenção povo da freguesia. Como sabem amanhã pelas quatro horas realiza-se a procissão da Senhora da boa morte e hoje à tarde há treino para virgens, mas não precisamos de mais virgens pois já temos virgens que cheguem na freguesia.

De outra vez o mesmo Servo usou o altifalante para anunciar o funeral de um paroquiano que tinha morrido no estrangeiro e fê-lo desde modo:

- Chama-se a atenção do povo da freguesia que o funeral que estava marcado para amanhã às três horas só se irá realizar às seis da tarde porque o nosso irmão defunto se atrasou na fronteira.

O Servo tinha historial na aldeia mas era devotado à igreja e ao Padre Teodorico que lhe retribuía da mesma forma.

O Pároco era também um bom garfo. Constava que eram famosos os seus almoços em Braga onde tinha alguns prédios e costumava fazer grandes serões de comezaina com o Juiz da Póvoa de Lanhoso que o vinha visitar. Ficavam horas e horas diante de uma mesa farta onde nada faltava, a comer até alta noite.

Ora aconteceu de uma vez já era eu mais crescido que a rapaziada juntou-se e foi-lhe cantar as Janeiras junto à residência. Éramos talvez uns sete. A letra da canção tinha sido escrita por nós e era pelo menos pitoresca. Lembro-me apenas de uma quadra que dizia assim:

E então a Virgem Maria
Mais S. José seu marido
Agarrou no Deus Menino
E pisgou-se para o Egipto.

E a cantoria ecoou pela noite. Às tantas o Pároco veio à porta e mandou-nos entrar mas pareceu um pouco atrapalhado por o termos surpreendido com o seu amigo em plena tainada bem comido e sobretudo bem bebido. De forma que não achou outro expediente para se desculpar senão bombardear-nos com perguntas de algibeira e depois quando saímos fazendo-nos um grande discurso sobre a juventude que girava em torno de "Rapazes, vós sois o futuro, a esperança do amanhã. Deveis dar sempre o exemplo", ficando nós a pensar que com todos os copos que devia ter bebido não seria a pessoa mais indicada naquele momento para nos pregar lições de moral.

Esteve muitos anos em S. Emilião. No fundo ele queria muito à freguesia. Quando mais tarde se retirou para um quarto no Sameiro vinha muitas vezes visitar a aldeia e quando morreu deixou à freguesia muito dinheiro que deu para construir um Centro de Acolhimento.

Ilustração de Artur Santos

J. Esteves Rei
prof. universitário

"A minha bisavó era escrava!"

1. "A minha bisavó era escrava"! "Os nossos antepassados eram todos escravos"! Não há filmes nem livros sobre a escravatura, que nos batam tão fundo quanto a voz de alguém que nos é próximo, ao pronunciar essas frases.
A Cidade Velha e a Praia, em Santiago, de Cabo Verde, viveram, há dias, momentos de sensibilização à realidade histórica da escravatura. Foi no Colóquio Internacional, "Problemáticas da Investigação Científica sobre a Escravatura e Desafios da Década Internacional dos Afrodescendentes (2015-2024)".
Nele participou um conjunto de especialistas de diferentes países que se debruçaram sobre a temática. O projeto "A Rota do Escravo" tem por objetivo sensibilizar o mundo e quebrar o silêncio que se instalou acerca do comércio e da própria escravatura, por se tratar de um período negro da história da humanidade.
Foi lançado em 1994, no Benin, após a resolução da UNESCO de 1993, aprovada na sua 27.ª Conferência Geral, em resposta a uma iniciativa do Haiti e de alguns países africanos, tendo como lema: "Resistência, Liberdade, Herança".

2. A oportunidade e relevância deste evento foram destacadas pelo ministro do Ensino Superior por "os académicos cabo-verdianos que estudam temáticas ligadas à escravatura revindicarem um momento de diálogo entre a comunidade académica nacional e internacional".
Para a reitora da Universidade de Cabo Verde esta deve incluir-se neste Projeto e traduzir em ações a temática da "Rota do Escravo". Por isso está disponível para aceitar o desafio do ministro, de criar uma Cátedra sobre essa temática.
É que, como explicou, "sendo Cabo Verde um país que é fruto de todo um processo desencadeado com a escravatura e o comércio de escravos, tendo-se constituído um grande entreposto de comercialização de escravos, tem toda a lógica que acolha um evento desta natureza" e invista no tema.

3. A preceder o evento, e no âmbito da reunião do Comité Científico Internacional do Projeto, foi inaugurada a exposição, "Os Africanos em Portugal: história e memória – séculos XV-XXI", da autoria de Isabel Castro Henriques, no Centro Cultural da Cidade Velha, no Sarau Cultural de 26 de outubro.
Essa exposição alerta para uma realidade nossa, afastada da ribalta sociocultural portuguesa. Para além da divulgação de informações históricas, relativas à consideração, "reprodução", comercialização e passamento dos escravos, leva a refletir sobre a integração dos libertos na sociedade, abolida a escravatura.
Assim, lá como cá, poderemos ainda ouvir e pensar a frase, "A minha bisavó era escrava"!

Bragança dos Santos
prof. aposentado, escritor e poeta

O vigor da mente

O homem distingue-se de todos os outros animais, devido, precisamente, à extraordinária capacidade da sua mente e à possibilidade de comunicar através da palavra, da linguagem falada. Esta processa-se por intermédio da composição sintagmática (sintáctica), dirigida ao outro, isto é, ao interlocutor. Este tipo de fenómeno, que é sensibilidade emocional e pensamento, configura, na sua génese e essência, o desejo do outro e da resposta que ele possa ter para nos dar, seja para que efeito for, porque o homem é um ser social (**Mauco**, 1967, p. 157).
A palavra é, nesta conformidade, o trunfo poderoso e inestimável que permite ao homem aceder, pelo vigor da sua própria mente, à consciência do seu papel, não só familiar e social, mas também planetário, uma vez interiorizado o seu código linguístico, antes e depois de ter percorrido as várias etapas de construção e aferição da sua personalidade. Esta, dotada de um superego saudavelmente formado, deve ser capaz de domar as suas pulsões animalescas, primitivas, meramente instintivas, aceitando a representação dos interditos da vida familiar e social (**Doucet**, 1972, p. 205).
Não esqueçamos, porém, a fundamentalidade do sentimento de pertença de si e do grupo contextual, cuja continuidade e intencionalidade pautam o comportamento do indivíduo e a linguagem utilizada, se bem que no quadro da experiência consciente do pensamento secundário, logo, conversível e orientador (**Georgieff**, 1995, p. 20).
Para que conste, tudo isto se passa no âmbito dos afectos que, quer se queira quer não, apresentam duas vertentes, conforme **Adler**: de atracção e de aversão; uma funciona sempre em prejuízo da outra, mas podem ambas, por motivos inversos, precipitar a discórdia e a agressão. No ano de 1930... e **Hitler** ali tão perto!, **Freud**, na sua obra "*Cultura e Suas Desvantagens*" referiu-se à agressividade como sendo "*um impulso nato e autónomo do homem*" (**Doucet**, 1972, p. 22 e 25).
Num estado de direito democrático, regido por leis, regras, normas, princípios e valores, como se afirma Portugal desde 1974, os deveres e os direitos são os mesmos para ambos os géneros em presença, para que possa haver paz, harmonia e desenvolvimento, mediados pelo diálogo, cujas representações se substituem à coisa nomeada; na sociedade e na família.
Aqui, nesta, a envolvência que resulta da saudável convergência dos afectos, sempre através do diálogo franco e aberto que fomenta a interacção positiva dos casais, consegue manter acesa a chama que reforça o papel de cada um dos cônjuges, na persecução do projecto de transmissão da vida... aos filhos que se desejam; seria o ideal (**Santos**, 2008).
Tudo isto é possível graças à incrível e imparável actividade do pensamento. Este, ligado aos afectos, e conforme o registo neural linguístico de cada pessoa integrante do núcleo conjugal, procede desde o ***berço uterino***, também sob a influência do inconsciente colectivo transgeracional, melhor ou pior, para, no seio de cada família, caminhar no sentido da aceitação dos indivíduos que constituem determinado agregado familiar; do respeito que todos devem a cada um, e cada um a todos, porque existe, afinal, da parte dos pais, efectiva maturidade afectiva e reciprocidade na aceitação do papel sexual activo inerente aos respectivos membros do casal.
Se, pelo contrário, as coisas correm mal na relação dos progenitores, multiplicam-se as tensões internas, a ansiedade, e a criança ressentir-se-á nos planos afectivo, intelectual e físico. Verificar-se-ão reacções abúlicas, tranferência afectiva sobre outras pessoas, culpabilidade, angústia, insegurança, incerteza, agressividade, quebra do rendimento escolar, alheamento, paralisia, enuresia, anorexia, tiques, fixações regressivas, perturbações psicossomáticas várias, etc., etc. (**Mauco**, 1967, p. 96 e 97).
Aqui chegados, resta-nos apenas concluir o presente escrito dentro do espírito de toda a temática versada com uma última e deveras curiosa alusão ao significado metafórico da linguagem, do ponto de vista ainda da dimensão da narração dirigida ao outro e da essencialidade salutar dos afectos com sentido. E passamos a citar, "ipsis verbis", para que nada se perca: "***Wilfred R. Bion*** *sublinha o facto de a constituição e o funcionamento do aparelho psíquico dependerem da relação precoce com o outro – a mãe. Será o aparelho psíquico materno, construindo uma "narração" dirigida ao pai, que permitirá a transformação das primeiras produções psíquicas do bebé em "pensamentos". A interiorização segunda do aparelho materno de "pensar os pensamentos" permite, em seguida, a constituição do psiquismo*" (**Georgieff**, 1995, p. 49).
Notável!

PUB

c/e
Correntes D'Escritas
Póvoa de Varzim
TURISMO DE PORTUGAL
PÓVOA DE VARZIM
23-27 fev 2016
CORRENTES D'ESCRITAS
Garrett cine-teatro
CASINO DA PÓVOA
Axis Vermar
NORPRINT
Porto Editora
BMcar
BROWN
SERRAVES
União dos Escritores Angolanos
LOCUS
QUETZAL
Penguin Random House Grupo Editorial
JL

«Cultura, Ciência, Culto»

Até ao dia 26 de Fevereiro pode ser visitada a exposição documental «Cultura, Ciência, Culto», no Museu da Ciência, da Universidade de Coimbra,

1.ª exposição de fotografia anaglífica de Edgar Pêra

Inaugura, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, em Lisboa, a 1.ª exposição de fotografia anaglífica de Edgar Pêra no próximo dia 17 de Fevereiro. A mostra «Lisboa Revistada - Photo-Liturgya Lisboeta & Kino-Exorcismo Pessoano» assume especial importância porque marca a incursão do cineasta e artista plástico português no universo da fotografia e instalação 3D. A inauguração da mostra – a partir das 18 horas – tem lugar após a estreia, a 11 de Fevereiro, do filme «Lisbon Revisited». Com curadoria de Carlos Cabral Nunes, a exposição estará patente até 12 de Março.

«Trabalhos recentes»

A exposição «Trabalhos recentes» da autoria de Joaquim Pires pode ser visitada em Vila Nova de Gaia, na antiga esquadra da PSP (edifício da Câmara Municipal). Este evento é inserido no Projecto Onda Bienal, organizado por Artistas de Gaia - Cooperativa Cultural, com o apoio da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.

Alberte A. Pereira em Cerveira

A Porta XIII - Associação Poética de Todas as Artes, em Vila Nova de Cerveira, acolhe uma exposição de fotografia de Alberte A. Pereira. A mostra pode ser visitada até 10 de Março.

«I'm neither here nor there»

A Galeria de Arte do Casino Lisboa tem patente a exposição de arte contemporânea «I'm neither here nor there», da artista plástica Mariana Dias Coutinho. Com entrada livre, a mostra de pintura e escultura pode ser visitada até 30 de Março, dia em que Mariana Dias Coutinho – reconhecida, também, pelos seus trabalhos de Arte Urbana – inaugura um Mural no parque de estacionamento do Casino Lisboa.

Vivacidade acolhe «Arte Itinerante no Porto»

A segunda exposição do projecto «Arte Itinerante no Porto» inaugura no dia 20 de Fevereiro, no Vivacidade - Espaço Criativo (no Porto). A sessão decorre entre as 16 e as 19 horas, com um momento musical por José António (voz e viola). A apresentação da mostra estará a cargo de Maria Antónia Jardim e haverá ainda tempo para as intervenções de Nassalete Miranda (madrinha dos alunos da escola convidada) e Constância Nèry (mentora do projecto). A exposição, que reúne os mesmos 20 artistas que estiveram expostos na Casa da Beira Alta, estará patente até 20 de Março.

«Gotas de Ar»

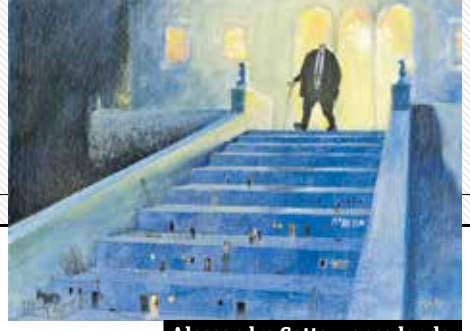
A exposição «Gotas de Ar», de Beatriz Seijo, inaugura no próximo sábado, dia 13 de Fevereiro, às 16 horas, na Galeria Vieira Portuense, no Porto. A mostra pode ser visitada até 12 de Março. Refira-se que no sábado seguinte, dia 20 de Fevereiro, haverá nova sessão de Poesia na Galeria, pelas 16 horas.

«Sonho»

Filomena Fonseca presente nas Astúrias

A arte da pintora Filomena Fonseca foi seleccionada para integrar a III Bienal Internacional de Pintura de Pastel, que está a decorrer em Oviedo (Espanha) até ao dia 21 de Fevereiro. Trata-se de uma exposição internacional onde são apresentadas obras executadas exclusivamente na técnica do pastel. Estarão presentes obras de mais de 100 pintores, representando 19 países, sendo a China o país convidado de honra.

«Sulcos de Vida», de Filomena Fonseca



Alessandro Gatto, vencedor do 1.º Prémio do XIV PortoCartoon

PortoCartoon em Tondela

Até 13 de Março, dezenas de desenhos do PortoCartoon estão em exposição na Galeria ACERT, da Associação Cultural e Recreativa de Tondela. A mostra «Ricos, pobres e indignados» representa a edição de 2012 do festival de humor internacional promovido pelo Museu Nacional da Imprensa (MNI). Entretanto, o MNI lança, a partir do dia 14 de Fevereiro, o 17.º Concurso de Textos de Amor Manuel António Pina. A iniciativa vai evocar o 250.º aniversário do poeta Bocage e o patrono do concurso Manuel António Pina. A entrada no museu será gratuita ao longo de todo o dia e o concurso prolonga-se até 20 de Fevereiro, em busca de textos de amor originais.

«Pintura Sonora»

Claus von Oertzen expõe «Pintura Sonora», na Galeria Porto Oriental, de 5 a 31 de Março de 2016. Trata-se de uma mostra em que o artista, que valoriza o trio pintura, natureza e música, mostra trabalhos intrinsecamente ligados à música, ele que se afirma com uma predisposição natural para a sinestesia.

«Terra»

O artista plástico Alexandre Rola está a expôr em Vila Nova de Cerveira, na galeria Quarto Duplo, até ao dia 30 de Março. «Terra» é individual e composta por sete obras de tamanho reduzido, com acrílico, vinho do Douro, terra, gesso e cimento.

Benvindo de Carvalho e JOH na São Mamede

As exposições de pintura «Trabalhos Recentes» de Benvindo de Carvalho e «Library» de JOH podem ser visitadas na Galeria São Mamede em Lisboa. A segunda está patente até ao dia 23 de Fevereiro e a primeira prolonga-se até 23 de Março.

«Memória», de Benvindo de Carvalho

Sem título, de JOH

«Encáusticas»

João Queiroz expõe «Eucásticas» na galeria de arte contemporânea Ala da Frente, em Vila Nova de Famalicão. Amostra exposição é composta por 10 quadros que reflectem o trabalho de um artista que "faz da pintura e do desenho o acontecimento da realização temporal, uma revisitação dos propósitos criativos, o profundo estudo das matérias que se desenvolvem para assegurar a realização de cada obra", refere António Gonçalves, curador da galeria. A esposição estará patente ao público até 21 de Maio. Nos trabalhos que João Queiroz expõe em Famalicão é então usada a técnica da encáustica, em que o pigmento e a cera são as matérias que asseguram a presença da paisagem apresentada em cada pintura.

3ª EDIÇÃO - 2016
SÁBADOS - 18H00

UM OBJETO E SEUS DISCURSOS POR SEMANA

5 de março a
10 de dezembro

WWW.UMOBJETOESEUSDISCURSOS.COM

Porto.

Helena AM Pereira
museóloga

O alfabeto da pintura por Álvaro Lapa

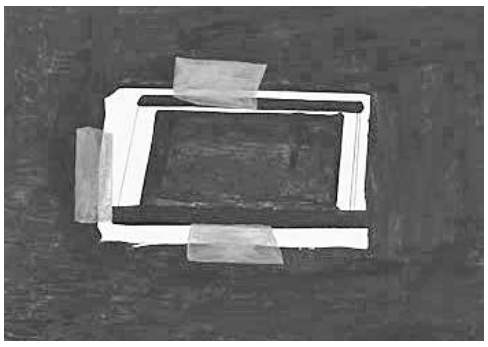
No dia 11 de fevereiro de 2016 assinalam-se 10 anos sobre o desaparecimento de Álvaro Lapa e as exposições retrospetivas têm-se multiplicado. No Porto, a Galeria Quadrado Azul inaugurou no passado dia 16 de outubro, uma exposição e, em Lisboa, o Museu da Eletricidade tem patente, até 21 de fevereiro, a mostra "Álvaro Lapa: alguns desenhos e pinturas". É, por isso, sobre a sua vida e obra que interessa refletir.

Álvaro Lapa nasceu em Évora, a 31 de julho de 1939. Na cidade alentejana, do seu leque relacional fazem parte o pintor Joaquim Bravo (1935-1990), o poeta António Gancho (1940-2005) e o pintor António Palolo (1946-2000). No liceu é aluno de Vergílio Ferreira (1916-1996) que lhe desperta o interesse pela arte através da literatura. Curiosamente, as suas piores notas são à disciplina de desenho, o que o leva a ter aulas no *atelier* de António Charrua (1925-2008), onde tem aulas *de pintura moderna* e convive com Henrique Ruivo (n. 1935) e João Cutileiro (n. 1937), mas também como nomes consagrados das artes plásticas em Portugal com os de Dordio Gomes (1890-1976) e de Júlio Resende (1917-2011). Esta experiência e a influência de António Charrua irão fazer notar-se na sua obra plástica. Em 1956 fixa-se em Lisboa onde frequenta, primeiro, o curso de Direito, tendo depois mudado para Filosofia, licenciatura que conclui apenas em 1975 pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Escritor e pintor "assumiu desde sempre, no campo das artes plásticas, uma atitude isolada e autodidata"[1]. Desde a primeira exposição, organizada por Manuel de Brito, em 1964, na Galeria 111 (Lisboa) que a Álvaro Lapa se apresenta como criador de um universo introspetivo e autobiográfico, a partir de um conjunto recorrente de temas, símbolos e composições visuais. A sua obra caracteriza-se por uma coerência estética e pela impossibilidade da inscrição em géneros; um território onde a pintura e a escrita se cruzam, numa diversidade de referências literárias, pictóricas e filosóficas.

Em 1973 muda-se para o Porto, onde fixa residência e em 1977 é publicado o seu primeiro livro "Raso como chão". Nesta altura já é docente da Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde leciona a disciplina de Estética, partilhando com os seus alunos textos de Gilles Deleuze e Theodor Adorno. A teoria da arte fará também parte da sua obra e a relação que estabelece com Fernando Pernes, que eventualmente se inicia como colegas do corpo docente da ESBAP, irá marcar o reconhecimento público da sua obra que a partir daqui se verifica. Em 1978, Fernando Pernes organiza, então, a primeira exposição retrospetiva de Álvaro Lapa, no Centro de Arte Contemporânea, sediado no Museu Nacional Soares dos Reis (Porto). O início dos anos 80 é marcado pelo interesse comercial na sua obra, ilustrado pelo sucesso das suas exposições na Galeria Valentim de Carvalho, pelas exposições retrospetivas na Fundação de Serralves e na Fundação Calouste Gulbenkian, em 1994, e pela atribuição do Grande Prémio EDP, em 2004. Morre em 2006, no Porto, após doença prolongada.

A obra que nos deixou é como que uma mitologia pessoal, que se desenvolve sobre si mesma. Enigmática nas formas, de difícil descodificação do sistema de signos, recusa qualquer equilíbrio ou habilidade estética. Trata-se, sobretudo, de um personalizado e polémico código de escrita, de eventuais filiações na pintura abstrato-expressionista tanto europeia como norte-americana e no surrealismo europeu, nomeadamente na tensão narrativa que a desconstrução formal deixa em aberto. A autonomia dos valores plásticos desta pintura é contrabalançada com a marca indelével da referência autobiográfica a leituras literárias à chamada "biblioteca subversiva" onde se escrevem nomes como os de Rimbaud, Kafka ou James Joyce.



Sobre a revolução plástica e intelectual que a sua obra promoveu, precisaremos da mestria do tempo na análise, que nos devolverá Lapa ao patamar dos eleitos, dos geniais, dos capazes de transformar e, mesmo assim, permanecer os mesmos: simples, introspetivos, Livres.

NOTA

[1] MELO, Alexandre – *Arte e Artistas em Portugal*. Lisboa: Instituto Camões / Bertrand Editora, 2007. Página 156.

Paulo Ferreira da Cunha
lusofilias@gmail.com

Crise na Cultura Política

Virtudes Políticas

Com a desonestidade e a falta de inteligência, o pior defeito político será a insensatez. Imagine-se se se acumulam duas ou três destas características!

Ataca-se muito os políticos pela desonestidade, mas esquece-se em demasia a falta de inteligência, e nem sempre são sérias as mais raras críticas à falta de bom senso. O escrutínio deveria ser, pelo menos, tríplice.

Não se sabe qual a combinação pior. Um inteligente corrupto seria terrível. Corrupto insensato ou pouco inteligente parece melhor, porque em princípio deixar-se-ia apanhar com facilidade. Honesto pouco inteligente é lamentável. Insensato inteligente é também possível: se for insensato mesmo, pode ser perigoso. Não confundamos com um utopista ou idealista, que será apenas um pouco temerário.

Por vezes, a questão do bom senso confunde-se (mas mal) com conservadorismo ou revolucionarismo. Mas pode haver conservadores insensatos e revolucionários sensatos; não se deveriam misturar as coisas.

É curioso que o cidadão mais ou menos interessado parte em alguns países do princípio de que a maioria esmagadora dos políticos não será nenhuma santa. E aí certamente exagera algo (não pensa muito, parece, nem na inteligência, salvo quando ela é evidente, e até a louva; sobre o bom senso, só se o político for muito ousado acabará por se preocupar). Mas depois, age e fala, comenta e critica partindo do pressuposto precisamente contrário: de que cada um desses políticos tem de ser um santo de se por no altar. E aí exagera muito.

Com isto não (des)culpamos ninguém. Mas sublinhamos uma dualidade de critérios.

Razões de Estado?

Há coisas que eticamente não se deveriam fazer mas acabam por ter de se fazer mesmo com o risco da sua condenação pelos melhores, porque se acredita que, fazendo-se, mais pessoas lucram (ou menos perdem) com o resultado. E vale então *a maior felicidade do maior número*. Os que são "forçados" a fazer isso não sei como se sentirão. Deve haver neles um misto de remorso e de orgulho. Ou já nem pensarão nessas coisas? Esses dilemas éticos complicados testam a fibra das pessoas: não é só a opção entre *canhões e manteiga*. É saber, no limite, se morrerias ou matarias. E se tivesses mesmo que matar, uma pessoa ou muitas, estes ou aqueles? Questões de vida e de morte. O resto é sempre mais fácil.

Outra questão: quando os nossos interesses pessoais, reais ou simbólicos estão em jogo, passa a valer tudo, e lá se vão os valores e os princípios? Aparentemente, para uma grande parte de pessoas, até de bem (em situação normal), será assim. Há casos em que parece valer mesmo tudo. É sinal de que temos um grande caminho ético a percorrer.

Patologias Sociais: tipos e ideias

O cruzamento entre a mentalidade autoritária e até despótica dos que vivem patologicamente de mandar e para mandar com, paradoxalmente, a mentalidade servil, dos escravos por natureza, é explosivo.

Há outros atores sociais nocivos: o sabujo, untuoso capacho sempre com vista a vantagem, capaz de todas as traições, e o fútil com ânsias de ascensão social, para o que se vende e revende sem pudor, a quem der mais e fingir que o eleva.

Ainda o vaidoso pretensamente intelectual, que não acredita em nada senão nos seus reconhecimentos de latão e pergaminho falso, de braço dado com o *filisteu* burguês sem a mais leve réstia de dimensão espiritual, e o *snob* que acredita correr-lhe nas veias um sangue de uma cor que o exime do trabalho.

Mais o mendigo social que bacoco imita e aprova todas as vilanias das oligarquias, porque gostaria de a elas pertencer. Tudo isto dará como resultado uma democracia morbosa (veja-se Ortega).

Com uma consistência social de vontade de poder, de servidão própria e justificação da alheia nunca poderá haver vera Democracia. Qualquer dos referidos tipos sociais pode fazer perder um regime democrático.

Não são só tipos. Também "ideias". Algumas afirmações e propostas que todos os dias se apresentam como absolutamente naturais (e sérias!) revelam problemas profundos de:

a) Falta de sentido de oportunidade e tato.

b) Ausência de conhecimentos básicos, ou cultura.

c) Despudor e incapacidade de antecipar as reações alheias, e naturalmente ignorância de qualquer sentido de consenso, negociação e diplomacia.

d) Completo desconhecimento de como o mundo funciona, e em especial o setor a que especialmente se referem.

e) Apego patológico a um par (se tanto) de dogmas absolutamente impossíveis de provar e já difíceis sequer de defender.

f) Monomania, em consequência, e grave, por distanciamento total do conjunto das pessoas, quer das massas quer das elites.

g) Autoconvencimento acima de toda a razoabilidade, com eventuais laivos de psicopatia.

É um problema de Educação, mas também de Saúde Pública. Pode ser também de Segurança. E mais.

Quem não se sente ameaçado quando, por esse mundo, se propagam descomunais provas de insensatez, não só teoricamente, mas como propostas concretas de imposição legal, de projeto político, etc.? O pior é mesmo a insensatez.

Artur Serra Araújo
argumentista e realizador

De cinco em cinco minutos até Charlie Kaufman

Dizem as normas dogmáticas da escrita de argumento que de cinco em cinco minutos temos que colocar um ponto de acção num filme para fazer com que o espectador permaneça concentrado no ritmo da história até ao final. Tendo por certo que cada minuto de filme representa uma página num guião, equivale a dizer que de cinco em cinco páginas as nossas personagens são confrontadas com uma decisão ou um confronto que as leve por um rumo diferente.
Um jovem estagiário carrega a Constituição daRrepública e as aspirações de um curso inteiro quando entra num escritório de advogados pela primeira vez. Sente-se devidamente preparado para usufruir do conhecimento que adquiriu depois de vários anos debaixo de teoria intensiva. Passadas as apresentações e os cinco minutos de fama com cada sócio-dr-advogado, os seus sonhos são rapidamente peneirados, sendo as expectativas nobres de um curso inteiro reduzidas ao pó que a burocracia exala. O Direito, a capacidade de argumentação e o prazer da escrita ficam confinadas à sucessiva prática de penhoras e respectivas diligências, ficando assim o estagiário com o trabalho difícil que ninguém está disposto a fazer e que lhe é remetido porque ainda não tem a consciência carregada de vidas e de dores alheias. Num outro lado, um jovem professor prepara-se para o primeiro dia de aulas na escola onde foi aleatoriamente colocado. Sobe as escadas de granito perante a indiferença dos alunos e dos colegas que por lá circulam e cinco minutos depois já pisa a superfície da realidade. Dói-lhe a barriga, sente-se enjoado e impotente perante uma turma de alunos com telefones, tatuagens, barrigas adolescentes e caras imberbes. Sobram-lhe três alunos que querem atenção e são eles que o prendem lá enquanto outros o fazem hesitar entre sair pela porta que ninguém fechou ou começar a escrever na ardósia atrás de si.
Na entrada deste milénio, era eu também um jovem com problemas e com as mesmas expectativas perdidas algures entre a teoria e a prática. No âmbito do curso que frequentava era-me proposto escrever o primeiro argumento com base nas restritas regras da construção narrativa. Cinco minutos depois de começar já a minha criatividade esbarrava no ritmo, nos pontos de acção, nos actos e no estilo pré-definido. A mesma fórmula para todos os filmes. E o pior era que resultava e não faltavam exemplos práticos para comprovar isso mesmo. Assistir à desconstrução dos grandes clássicos do cinema fez com que nunca mais me sentasse na cadeira do espectador e visionasse um filme com a leveza e imersão pretendidas. O advogado e o professor certamente encontraram ajuda ou astúcia para desbloquear as suas carreiras mas eu, sozinho, não saía do sítio. Na minha imaginação não encontrava uma história aliciante que encaixasse nos parâmetros da disciplina. Foi então que no outro lado do mundo Charlie Kaufman escreveu o seu primeiro filme, Being John Malkovich. Indeciso entre duas ideias acabou por juntá-las numa só em que um homem, obcecado por uma sofisticada colega de escritório, descobre uma porta na sala das fotocópias que lhe permite entrar e permanecer na mente do John Malkovich durante quinze minutos até ser cuspido junto de uma auto-estrada. A partir deste momento, descobri que podia começar a escrever sobre os meus sonhos, medos e recordações. No ano anterior, tinha estado a assistir na produção de um filme realizado pelo John Malkovich no Porto e durante os trajectos em que o conduzia até ao hotel tive a oportunidade de contactar com frequência com a sua forma de ser e de estar. Kaufman mostrou-me o filme que eu sonhara ser capaz de escrever e a partir de então deixei de pensar no argumento como uma equação matemática. Durante os anos que se seguiram, fui sentindo que os filmes do Kaufman sempre acompanharam a minha vida como se ele estivesse permanentemente a escrever sobre o que estou a viver. Em Inadaptado, vi as frustrações do bloqueio criativo serem representadas genialmente por um personagem que se servia frequentemente da voz-off como recurso criativo para expor as suas emoções. Mais tarde surpreende com a estrutura de O Despertar da Mente, onde seguimos o tumultuoso processo científico de um casal que se tenta apagar da memória um do outro. E agora, em Anomalisa, Kaufman serve-se do nome da minha mulher para conjugar um sentimento único entre um homem e uma mulher chamada Lisa. Todos estes filmes que eu gostaria de ter escrito levam-me finalmente à conclusão de que Kaufman não está a escrever a minha vida, mas sim que sou eu quem vai estar sempre um passo atrás da dele.

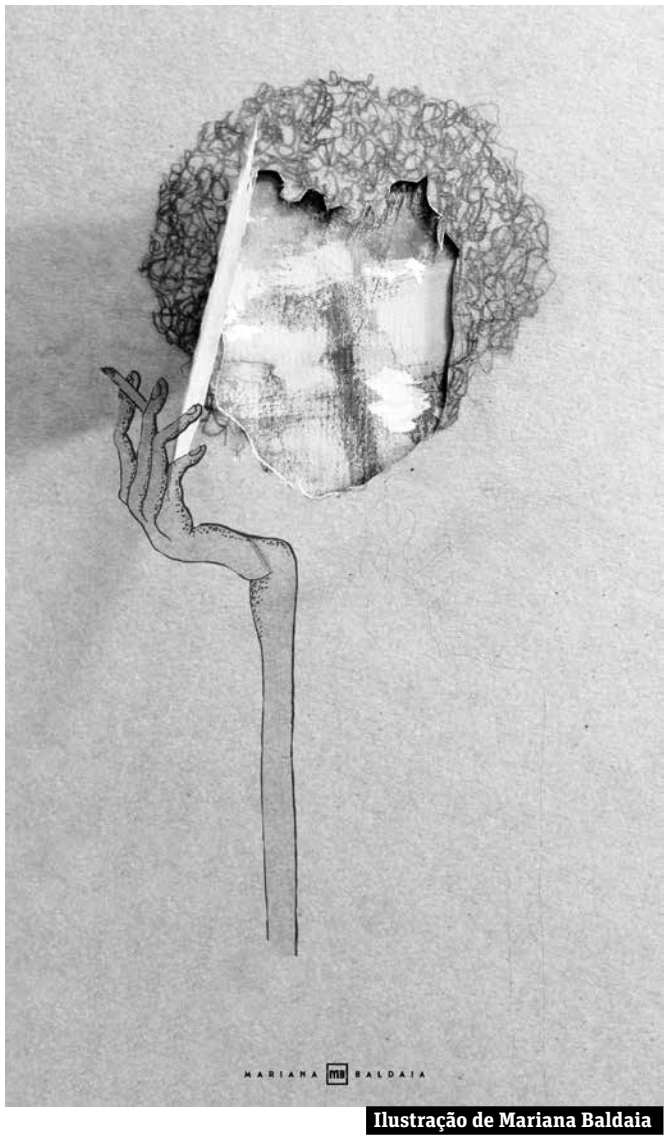


Ilustração de Mariana Baldaia

Filme português abre 36.º Fantasporto

«Before the Rain», do macedónio Milcho Manchevski

Entre os dias 26 de Fevereiro e 5 de Março, o Teatro Municipal Rivoli recebe a 36.ª edição do Fantasporto - Festival Internacional de Cinema do Porto (não esquecer que será antecedido pelo tradicional pré-Fantas, de 22 a 25 de Fevereiro). "Inovação, pesquisa, promoção e divulgação do cinema português, europeu e mundial" são as orientações de sempre e mantêm-se em 2016. As secções competitivas, Cinema Fantástico, Semana dos Realizadores, Oriente Express e o Prémio de Cinema Português, homenagens e retrospectivas tudo serão motivos para aderir ao evento.

E porque o festival não se reduz às salas e sessões de cinema, este ano a Música será a sub-temática, com Afonso Canedo como artista convidado. E como já vem sendo hábito, haverá lançamento de livros, nomeadamente «Fernando Barros - O Português do Cinemoda», de Danyel Guerra.

O homenageado deste ano será Nicolau Breyner, actor, realizador e produtor de cinema e televisão, e, por isso, um homem de cinema muito para lá da notoriedade que a televisão lhe confere. Depois de ter passado a infância em Serpa, mudou-se para Lisboa com a família. Fez estudos musicais na Juventude Musical Portuguesa; frequentou o curso de Direito, com a ambição de se tornar diplomata, mas acabou por desistir de Direito e ingressou no Conservatório Nacional, diplomando-se nos cursos de Canto e de Teatro.

Em 1959 estreou-se como actor sob a direcção de Ribeirinho, na peça «Leonor Telles», de Marcelino Mesquita, no Teatro da Trindade, que acolhia então o Teatro Nacional Popular. Seria no entanto pela interpretação de papéis cómicos, em que se iniciou junto de Laura Alves, que se tornaria conhecido do grande público, revelando-se um dos mais bem sucedidos actores da sua geração.

Promover o cinema português tem sido aposta do certame e nada melhor do que haver um ano em que o filme de abertura da Secção Oficial competitiva fosse português. Este é o ano. «Gelo», de Luís e Gonçalo Galvão Teles (pai e filho) apresentam a sua nova produção, desta vez de características fantásticas. É um filme que incita o espectador a viver mais do que uma vida, através da mulher que vive duas vezes, misturando o real e o imaginário. Duas vezes, como nas duas cabeças que o criaram. Em seguida, é possível assistir ao canadiano «Into The Forest», de Patrícia Rozema, que encerrou oficialmente o último Festival de Sitges. A anteceder a abertura oficial do festival será inaugurada uma exposição de Artes Plásticas de Augusto Canedo.

No seu sector retrospectivo, será apresentada a obra do realizador de origem macedónia, Milcho Manchevski. Quase desconhecido em Portugal, o realizador, argumentista, fotógrafo, escritor e conferencista já recebeu vários prémios em festivais e foi nomeado para os maiores prémios do Cinema, tendo sido embaixador da Cultura da Macedónia em 2007. A sua primeira longa-metragem,«Before the Rain», foi nomeado para os Óscares e venceu o Leão de Ouro do Festival de Veneza em 1995 e ainda o Prémio da Fipresci, e daí seguiu para outros festivais por todo o mundo, acumulando dezenas de prémios, nomeadamente o prémio da Unesco em 1995, em São Petersburgo, São Paulo ou Estocolmo. Recebeu ainda o Independent Spirit Award 1996 para o Melhor Filme Estrangeiro. «Before the Rain», um poderosíssimo grito contra a guerra nos Balcãs, foi incluído na lista do New York Times dos Melhores 1000 filmes de sempre e será apresentado na Sessão de Encerramento do Fantasporto. O realizador – que virá ao Porto apresentar a retrospectiva da sua obra – estará presente na sessão.

Dos 67 países que propuseram filmes, foram seleccionados 40 – recorde-se que no ano passado foram 28 os países presentes – num total de 140 filmes, com apenas cinco a poderem ser considerados de terror. Alguns dos filmes serão apresentados no Fantas em antestreia mundial, outros terão a primeira apresentação fora do país de origem (International Premiere), outros ainda serão antestreias europeias.

Mas sabemos bem que outra das fortes apostas do Fantasporto é nas escolas e este ano participam oito, deixando positivos sinais de futuro. Mas também o presente não aprece em crise de criação, pois fazem parte do programa 63 filmes portugueses em competição.

Segunda semana de dança em Guimarães

Está a decorrer, no Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães, a 6.ª edição do GUIdance - festival internacional de dança contemporânea até ao dia 13 de Fevereiro. Hoje (10 de Fevereiro) inicia-se a segunda semana do festival e Miguel Moreira regressa com a remontagem da peça «Parede», que em 2002 marcou um momento crucial no percurso da Útero. Quem se segue é o consagrado Akram Khan que traz a Guimarães a aclamada peça "Kaash", amanhã (dia 11); também a japonesa Kaori Ito participa no festival, acompanhada pelo seu pai, para o espectáculo «Je dance parce que je me méfie des mots», será no dia 12; Luís Guerra tem lugar no GUIdance com «Nevoeiro», no dia 13; e, por fim, Anne Teresa De Keersmaeker, da companhia Rosas, apresenta em Guimarães «Golden Hours (As you like it)» um espetáculo que esconde uma peça de teatro na dança, um encontro entre Brian Eno e William Shakespeare. Os espectáculos realizam-se às 22 horas, com excepção de «Nevoeiro» que tem início às 19 horas. A par do cartaz principal, o GUIdance apresenta ainda um conjunto de actividades paralelas que aproximam o público dos artistas e permitem conhecer uma outra perspectiva do processo de criação artística.

Groove: o novo festival do Alentejo

O Festival Internacional de Percussão: Groove Alentejo 2016 quer levar à região percussionistas e compositores de todo o mundo. Entre concursos e concertos, o programa estende-se para lá de um ano, com a organização a pertencer ao Conservatório Regional de Música, que começou a desenvolver o projecto há dois anos. Com o reconhecimento do Ministério da Cultura e o apoio das câmaras do Baixo Alentejo, da Direcção Regional da Cultura do Alentejo, da Turismo Alentejo, de empresas privadas e de organizações internacionais, o Festival inclui um concurso internacional de composição para instrumentos de percussão; um concurso de performance para instrumentos de percussão. A melodia do cante alentejano nas marimbas ou nos tímpanos, na caixa ou na pandeireta dependerá da liberdade criativa dos concorrentes que vão passar por Beja e Castro Verde. O Groove Alentejo prevê ainda um ciclo de concertos a realizar entre Outubro de 2016 e Dezembro de 2017, em locais patrimoniais. Para já estão abertas as inscrições para os Concursos de Composição e Performance para instrumentos de Percussão e decorrem até 15 de Maio.

«Neste Cais, Para Sempre»

No dia 20 de Fevereiro, pelas 21 horas, a Traga-Mundos - livros e vinhos, coisas e loisas do Douro, em Vila Real, promove e recebe a apresentação do livro «Neste Cais, Para Sempre», de Ernesto Salgado Areias.

Concurso «As mais belas cartas de amor»

Termina hoje (10 de Fevereiro) o prazo para as candidaturas à 4.ª edição do concurso «As mais belas cartas de amor» promovido pela Junta de Freguesia de Paranhos. O concurso é aberto a todo o público e as cartas a concurso podem ser escritas nos diversos géneros literários, não podendo exceder uma folha A4, em tipo de letra arial e entrelinhas 1,5. Os prémios serão entregues no dia 12 de Fevereiro, pelas 21h30, no auditório da Junta de Freguesia, numa sessão que contará com a actuação do Orfeão de Paranhos, dirigido pelo maestro Sérgio Sousa Martins.

Encontros de Música do Porto

Os Encontros de Música do Porto estão de regresso à Fundação Eng. António de Almeida, no Porto. No dia 18 de Fevereiro realiza-se o concerto de piano por Paulo Oliveira. De entrada livre, com reserva de lugares até ao limite da lotação, os concertos – com Direcção Artística de Maria José Souza Guedes e Luís Meireles – realizam-se às 21h30, no auditório da fundação, ao ritmo de um por mês até Novembro.

«aD hOMINEm» em cena

O Auditório Municipal de Gondomar recebe, de 24 a 27 de Fevereiro, a partir das 21h30, «aD hOMINEm», tradução e adaptação por Sofia de Melo Araújo de «El Bálsamo de Dios», de Carlos Boves. A peça traz a palco uma leitura inédita de um texto nunca encenado, no qual homem e poder se enfrentam numa luta de/sem tempo, com base na história real de Cayetano Ripoll, o último executado da inquisição espanhola.

TUP estreia «Atequando»

O Teatro Universitário do Porto (TUP) estreia amanhã (11 de Fevereiro) o seu novo trabalho, «Atequando», com texto e encenação de Raquel S. A peça é uma estreia absoluta e estará em cena até 20 de Fevereiro, de terça a domingo, no auditório da Praça Coronel Pacheco, n.º 1.

Lembrar Ferreira de Castro até 2017

Dois anos depois de abrir o ano lectivo, o ex-ministro da Educação Nuno Crato cumpriu a promessa de regressar a Oliveira de Azeméis para falar sobre uma das obras do escritor oliveirense Ferreira de Castro. Aconteceu na Escola Secundária com o nome do escritor e «Curva da Estrada» foi o livro escolhido pelo ex-governante. A palestra assinalou o início formal do programa comemorativo dos «100 Anos da Vida Literária de Ferreira de Castro» que decorre até Janeiro de 2017. O objectivo da iniciativa era explicar a professores e alunos «Por que vale a pena ler Ferreira de Castro».

Na abertura da palestra, o vereador da Educação, Isidro Figueiredo, realçou o "ambicioso projecto educativo" da autarquia e a decisão tomada de "2016 ser um ano dedicado à efeméride de homenagear os 100 anos de vida literária de Ferreira de Castro". O autarca disse que o objectivo das comemorações é "relevar uma figura de que Oliveira de Azeméis se orgulha".

O programa comemorativo decorre por vários locais do concelho até Janeiro do próximo ano destacando-se este mês uma sessão do «Clube de Leitura Ferreira de Castro em encontros». Terá lugar no dia 25, às 21h30, na biblioteca municipal, com o objectivo de partilhar leituras e despertar o espírito crítico, promover a reflexão, a discussão e a troca de ideias à volta do livro «A Selva».

Concurso de leitura

Integrado também no programa está o concurso concelhio de leitura, dirigido aos alunos do 1.º e 2.º ciclos. Na primeira fase, os alunos do 1.º ciclo vão ler e conhecer Ferreira de Castro através da obra «Não há borracha que apague o sonho», de Luísa Ducla Soares. Quanto aos alunos do 2.º ciclo, a obra em destaque é «Era uma vez... a Selva», de José Carlos Soares. O concurso decorre até Abril com a final agendada para o dia 13 desse mês.

Cátedra para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização

Foi apresentada recentemente, em sessão pública, a Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização (CIDH), na Universidade Aberta. A criação de uma Cátedra vocacionada para o estudo das ilhas lusófonas ou ligadas à Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa responde a uma necessidade determinada pela proliferação dos estudos insulares e pela importância crescente que as ilhas assumem no panorama internacional.

«O Intervalo da Vida III»

O Auditório da Fundação A Lord, em Lordelo, Paredes, oferece «O Intervalo da Vida III». O espectáculo de teatro, do Grupo de Teatro da Fundação a Lord – LORDator, sobe ao palco no dia 13 de Fevereiro, às 21h30.

Acção de solidariedade na FEJR

A Fundação Escultor José Rodrigues - Fábrica Social, no Porto, recebe no dia 14 de Fevereiro, pelas 16 horas, mais de 100 obras de artistas portugueses e espanhóis, entre os quais Armando Alves, Balbina Mendes, Joana Rego, Jorge Curval, José Rodrigues e Zulmiro de Carvalho, com o objectivo de angariar fundos para os tratamentos do Tiago Benídeo, que padece de um neuroblastoma. A iniciativa pretende oferecer, por cada doação a favor do Tiago, uma obra de arte, solidariamente cedida pelos artistas plásticos.

Conversa em torno de «Andrei Tarkovsky

O site «À pala de Walsh» (http://www.apaladewalsh.com/) promove, amanhã (11 de Fevereiro), a quinta «Conversa à Pala», no Porto, que terá lugar no Teatro Municipal Campo Alegre, pelas 21 horas. A conversa terá como tema «Andrei Tarkovsky, O Escultor do Tempo», de quem se inicia, nesse mesmo dia, uma retrospectiva organizada pela Medeia Filmes. Após as Conversas, seguir-se-á, às 22 horas, a exibição do filme «Nostalgia». Para a «Conversa à Pala», os convidados serão Saguenail (realizador, professor, crítico e programador) e Rui Manuel Brás (professor e investigador universitário doutorado no tema do «Exílio» na obra do mestre russo). A entrada é gratuita.

Diversidade em Beja

Os Nau – grupo acústico onde predominam os arranjos vocais com influência da música popular portuguesa e do cante alentejano – sobem, hoje (10 de Fevereiro), ao palco do Pax Julia - Teatro Municipal, a partir das 21h30. Sexta-feira, 12, o mesmo espaço cultural abre as portas ao cinema, a partir das 21h30. A proposta é «Amor em Roma», de Ella Lemhagen. Um dia depois (13) regressa a música, com Raquel Peters, vencedora da Grande Noite do Fado de Lisboa (2005). No mesmo, entre as 15h30 e as 18h30, mas na Biblioteca Municipal, Rui Isidoro (Toastmasters) será o responsável pelo workshop e apresentação do livro «Esqueça tudo o que sabe». A formação pretende ajudar os participantes a melhor gerir o tempo e energia. Às 21h30 do dia 17 sobe ao palco do Pax Julia a Orquestra do Alentejo, espectáculo integrado na II Temporada de Concertos do CRBA. No dia 18, há «Encontro com o escritor», na biblioteca da Escola Secundária Diogo Gouveia, às 15 horas. O encontro é com Fernando Guerreiro, autor do livro «Ficou tanto por dizer». O mesmo escritor estará nos dias 19, das 18h30 às 21h30, e 20, das 10 às 13 horas, na Biblioteca Municipal de Beja para uma Oficina de Micro-Contos, dirigida ao público em geral jovem e adulto. No dia 20 (sábado), há uma actividade ao ar livre, num percurso que levará os participantes por caminhos e trilhos em busca dos Tesouros de Baleizão (a partir das 8h30). Na Biblioteca Municipal de Beja, José Saramago, às 16 horas, há Poesia de Recreio para pais e filhos a partir dos seis anos (inscrições através do 284 311 900). Em alternativa, também na Biblioteca, das 16 às 18h30, Roberto Alejandro Pérez proferirá uma conferência, integrada no Ciclo de Conferências «Encontros com os mestres - Escutar os Clássicos», com acesso gratuito e inscrição obrigatória (bibliotecamunicipaldebejaauditorio@cm-beja.pt ou 284311900). E à noite, às 21h30, o Pax Julia - Teatro Municipal será palco da peça de teatro «Zapping», pelos Commedia a la Carte. As propostas são variadas ao longo do mês e no dia 26 será apresentado o livro «Boris Hessen, o cientista subversivo», de Rui Pedro Borges, na Biblioteca Municipal, pelas 18h30, no âmbito da iniciativa Conversas com B de Beja. A 27, os ABBA MIA apresentam, no Pax Julia, às 21h30, o seu Tributo aos ABBA.

Cinema na FBAUP

No próximo dia 13 de Fevereiro terá lugar a segunda sessão de Cinema de Bairro, iniciativa da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP). A iniciativa (que a FBAUP pretende que se torne permanente) baseia-se em oferecer aos vizinhos uma sessão de cinema semanal, com uma programação conjunta com a Medeia Filmes, procurando estimular o hábito de frequência de cinema da população vizinha, da comunidade escolar, dos interessados, e oferecendo à cidade uma sala de cinema. Assim, um grupo de estudantes e de professores da FBAUP, dá corpo a este projecto, comprometendo-se a um contacto regular com a população vizinha, de informação e de convite para a frequência das sessões, aos sábados, pelas 17 horas, na Faculdade. «Welcome» (2009), de Philippe Lloret, é, então a proposta para o próximo sábado. No dia 20 de Fevereiro poderá ser visionado «Roma Cidade Aberta» (1945), de Roberto Rossellini; e a proposta para o último sábado do mês, dia 27, é «O Salão Jimmy» (2014), de Ken Loach. Este projecto alia-se à abertura regular dos portões da FBAUP, nas tardes de sábado, oferecendo-se uma visita ao jardim e às exposições patentes no Pavilhão de exposições da instituição de ensino. Refira-se que o bar estará aberto dando o devido apoio.

«Ópera Spectacular, Broadway & Napolitanas»

No dia 20 de Fevereiro, o Centro Cultural de Olga de Cadaval, em Sintra, será palco do esplendor da ópera romântica, valsas e broadway no concerto «Ópera Spectacular, Broadway & Napolitanas» interpretado por seis cantores líricos e a Banda Sinfónica da PSP dirigida pelo maestro Comissário Ferreira Brito. Um best of de algumas das árias mais emblemáticas de La Traviata, La Bohéme, Viuva Alegre, Carmen, Nabucco, Turandot, Giuditta, La tabernera del puerto, Les contes D'Hoffman , Gianni Schicchi, etc. Canções napolitanas, valsas de Strauss e temas de musicais da broadway. Com direcção artística de Yolanda Soares, o espectáculo terá início às 21h30.

Poesia, fados e história

O Club dos Poetas Vivos - Associação Cultural promove uma nova acção de poesia, fados, guitarradas e história na Taberna do Farrapo Velho, no Porto. O encontro, que inclui jantar, está marcado para o dia 15 de Fevereiro, às 20 horas, onde será feito um "estudo de três bandeira monárquicas do tempo mais ilustre de Portugal e dois quadros do célebre pintor de Ponte da Barca, Manuel Meira, colaborador do Club dos Poetas Vivos.

Sessão das Quintas inspirada em Tristan Tzara

A próxima sessão das Quintas de Leitura, no dia 25 de Fevereiro, tem por tema «Se Dizes Não é Porque Tens Razão» e é inspirada num pensamento de Tristan Tzara, poeta judeu e francês. A sessão – às 22 horas, no Teatro Municipal Campo Alegre, no Porto – será composta por seis momentos, com muita poesia, música e novo circo. Teresa Coutinho lê um poema de Antonin Artaud; António Fonseca lê Miguel Cardoso; Albano Jerónimo lê um fragmento de «Nojo», um livro de Cláudia Lucas Chéu, que também estará presente; a música será pela banda «Lavoisier»; António Oliveira (companhia Radar 360) protagonizará o momento de novo circo; um concerto hipnótico, conduzido pelo poeta e performer Paulo Condessa, encerrará a sessão.

Documentário «Em busca de Alberto Sampaio»

No próximo dia 24 de Fevereiro, o Arquivo Municipal Alberto Sampaio, em Vila Nova de Famalicão, exibe o documentário «Em busca de Alberto Sampaio». A apresentação da obra, encenada por antigos e actuais alunos da Escola Secundária Alberto Sampaio e filmada entre Braga, Guimarães e Famalicão, está inserida nas comemorações do 175.º aniversário do nascimento do historiador, considerado como uma referência da historiografia nacional. A actividade está marcada para as 15 horas, é de entrada livre, mas de inscrição obrigatória (252 312 661 ou isabelferreira@vilanovadefamalicao.org).

«o que é que o pai não te contou da guerra?»

Está de regresso «o que é que o pai não te contou da guerra?», espectáculo encenado por Rogério de Carvalho, uma co-produção Teatro Nacional São João e Amarelo Silvestre. Dia 20 de Fevereiro, às 21h30, será apresentado em Vouzela, no Cine-Teatro João Ribeiro (acolhimento no âmbito do programa Lafões Terra de Cultura).

«Graça» no TeCA

No dia 12 de Fevereiro, «Graça - suite teatral em três movimentos» sobe ao palco do Teatro Carlos Alberto, no Porto, pelo Teatro da Garagem. A peça, com encenação e concepção de Carlos J. Pessoa e que reflecte sobre a obra da artista Graça Morais, ocupará o TeCA até 20 de Fevereiro.

Equipa das ânforas

No Solar Condes de Resende têm vindo a desenvolver-se uma série de estudos destinados a dissertações de mestrado e teses de doutoramento por um grupo de investigadores de arqueologia luso-espanhol orientados por Rui Morais, professor da FLUP, e António Manuel Silva, do Gabinete de História, Arqueologia e Património da Confraria Queirosiana, com o contributo de Pedro Pereira do CITCEM (FLUP), os quais estão a analisar os milhares de fragmentos de ânforas encontrados em escavações arqueológicas em Vila Nova de Gaia desde os finais dos anos setenta do século passado. Para os distinguir de outros grupos de investigação que frequentam a Casa, o pessoal do Solar chama-lhes "a equipa das ânforas".

«Contornos da Palavra» e outros...

De 20 a 26 de Fevereiro decorre em Viana do Castelo a 7.ª edição dos «Contornos da Palavra». Esta é uma iniciativa da Câmara Municipal que visa marcar um universo de reflexão em torno da palavra centrada em grandes temáticas da literatura, estimulando a literatura e a escrita, a partir da partilha de uma reflexão construtiva e da necessidade de mais e melhores leitores. Contempla a dinamização de sessões nas escolas do concelho com a presença de diversos escritores e ilustradores, contando com momentos de animação da leitura, com sessões de teatro e contadores de histórias.
No dia 20 de Fevereiro, realiza-se o VIII Encontro de Bibliotecas Escolares, na Biblioteca Municipal de Viana do Castelo e no dia 27, o Centro Cultural de Viana do Castelo será palco do concerto de Xutos & Pontapés - Formato Acústico, às 22 horas.

Drama e comédia no Cale-se

A sessão deste sábado (13 de Fevereiro) do festival internacional de teatro Cale-se, que na sua 10.ª edição mudou de casa para o Auditório Municipal de Vila Nova de Gaia (sempre se realizou em Canidelo), é apresentada pelo Theatron, de Montemor-o-Novo, e é um drama, para maiores de 14 anos: «4 mulheres para uma Ifigénia». Na semana seguinte, 20 de Fevereiro, é o riso que impera, com «Lendas de Leiria», pelo TASE - Teatro de Animação de Santa Eufémia (Leiria).

Bolsa de Criação Isabel Alves Costa

O Festival Internacional de Marionetas do Porto (FIMP), a Comédias do Minho (CdM) e o Teatro Municipal do Porto organizam a segunda edição da Bolsa de Criação Isabel Alves Costa, com consequente abertura de candidaturas para uma nova criação no domínio das artes performativas, a ser trabalhada em residência e a circular pelos dois territórios de acção das CdM e do FIMP – o Vale do Minho e o Porto, respectivamente. O projecto vencedor será apresentado em co-produção com o Teatro Municipal do Porto.
Podem candidatar-se artistas ou estruturas (individuais ou colectivas) até 1 de Março; a selecção de projetos finalistas decorrerá até 11 de Março; nos dias 16 e 19 de Março serão feitas entrevistas aos projectos finalistas; a decisão final será tomada até 31 de Março.

Teatro Municipal Rivoli

O Grande Auditório do Teatro Municipal Rivoli, no Porto, acolhe «Intermitências», de Joclécio Azevedo, no dia 13 de Fevereiro, às 19 horas. No fim do espectáculo haverá lugar a uma conversa com Paulo Vasques, director e co-programador do Circular - Festival de Artes Performativas. Ainda no dia 13, mas às 22 horas e no sub-palco do Rivoli, será tempo de desfrutar de «Jibóia». Cátia Pinheiro, José Nunes & Pedro Zegre Penim apresentam «Uma Gaivota» de 18 a 20 de Fevereiro. A conversa pós-espectáculo de 18 de Fevereiro será com Nuno M. Cardoso, professor e encenador.

TNSJ acolhe dança

De amanhã (11) a 13 de Fevereiro, Victor Hugo Pontes apresenta, no Teatro Nacional São João, Porto, «Se alguma vez precisares da minha vida, vem e toma-a». O espectáculo detém-se sobre o enredo e as personagens de «A Gaivota» – peça de Anton Tchékhov – para os pôr a dançar.

... e 20 anos da Companhia Paulo Ribeiro

«A Festa (da insignificância)» assinala os 20 anos da Companhia Paulo Ribeiro, um número redondo para celebrar "carreira e maturidade" e anunciar a transição para um novo ciclo criativo. Os bailarinos desta "festa" estarão, entre 18 e 20 de Fevereiro, no TNSJ, acompanhados por músicos do Drumming - Grupo de Percussão.

Terceiro livro da série

A partir do dia 16 de Fevereiro estará nas livrarias o livro «De Umas Coisas Nascem Outras», de João Pedro Mésseder e Rachel Caiano. "A dado momento, um pedacinho de tronco de árvores decobre-se lápis, um dedal de água do rio descobre-se floco de neve e, num ecrã ou teclado de telemóvel, um dedo polegar descobre-se instrumento de escrita. De umas coisas nascem outras"... Recorde-se que o «Pequeno Livro das Coisas» dos mesmos dois autores recebeu o Prémio Bissaya Barreto de Literatura para a Infância 2014 e foi finalista do prémio Autores - Melhor Livro de Literatura Infanto-Juvenil 2013 da Sociedade Portuguesa de Autores e iniciou uma série a que se seguiram «Tudo é Sempre Outra Coisa» (2013) e, agora, «De Umas Coisas Nascem Outras».

Poesia de Maria Helena Teixeira

No próximo dia 19 de Fevereiro será apresentado o novo livro de Poesia de Maria Helena Teixeira, «O vento ainda sopra». A sessão terá como orador José Carlos Seabra Pereira e decorrerá na Sala Aqua - Hotel Quinta das Lágrimas, em Coimbra, a partir das 21h30. A autora escreve no convite: "Escrevo quase sempre com aquela visão luminosa de captar o que é perecível. Às vezes, sinto-me a dar um passeio pelo desconfortável para saber o que não sei e não saber o que sei. Um desligar de fontes fixas. A inspiração poética é algo que acontece como se viesse de fora e em que se fica cativado por imagens, expressões, estados de espírito ou emoções. Há um vento que sopra e galvaniza a criatividade. Anoitece pela manhã quando à meia-noite ainda há sol em muitos lugares. E há um inviolável silêncio para que o poeta explique isto".

Livros de Julião Bernardes

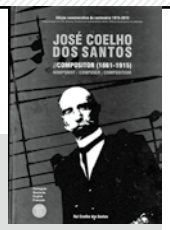
O lançamento dos livros «Todos Somos Pessoa», que inclui o inédito «O Esteves - Uma Criatura Vulgar» e a segunda edição de «Um Grito de Gaivota»; e «O Grito | Ensaio Sobre a Lucidez», ambos de Julião Bernardes, tem lugar na Casa das Beiras, em Lisboa, no próximo sábado, 13 de Fevereiro, pelas 16 horas. A apresentação das obras será feita por Armando Taborda e Joaquim Murale.

25 anos de escultura...

O livro que assinala os 25 anos de trabalho de escultura de Maria Leal da Costa, «Maria Leal da Costa – Escultura | Sculpture», terá apresentação na Embaixada de Portugal em Bruxelas, no dia 17 de Fevereiro, às 18h30. A organização da sessão está a cargo da Orfeu, Bruxelas.

História infanto-juvenil em prosa e verso

O Mira Forum, em Campanhã, no Porto, acolhe a apresentação do livro «Miguel Sarapintas e o Pinto de três Patas», de José Carlos Pereira, com ilustrações de Catarina França. Com entrada livre, a sessão realiza-se a 13 de Fevereiro, às 18 horas. "«Miguel Sarapintas e o pinto de três patas», livro infanto-juvenil em prosa e em verso, conta a história de um menino que, vítima de violência escolar por ter sinais no rosto, queria esconder-se debaixo de água, no fundo do rio, na iminência de suicídio, mas acaba por ter um final feliz"...



Homenagem a José Coelho dos Santos

Foi lançado recentemente o livro «José Coelho dos Santos // compositor (1861-1915)», de Rui Coelho dos Santos, que assinala o centenário do nascimento do compositor amarantino. A obra – escrita em Português, Inglês, Francês e Alemão – inclui um CD com obras compostas pelo autor. O lançamento da obra tem "a firme esperança de que possa contribuir, essencialmente através do seu legado, para a descoberta e justo posicionamento de José Coelho dos Santos no estrito universo da composição musical portuguesa", como escreve José Luís Gaspar no texto de introdução do livro. A edição é da Câmara Municipal de Amarante.

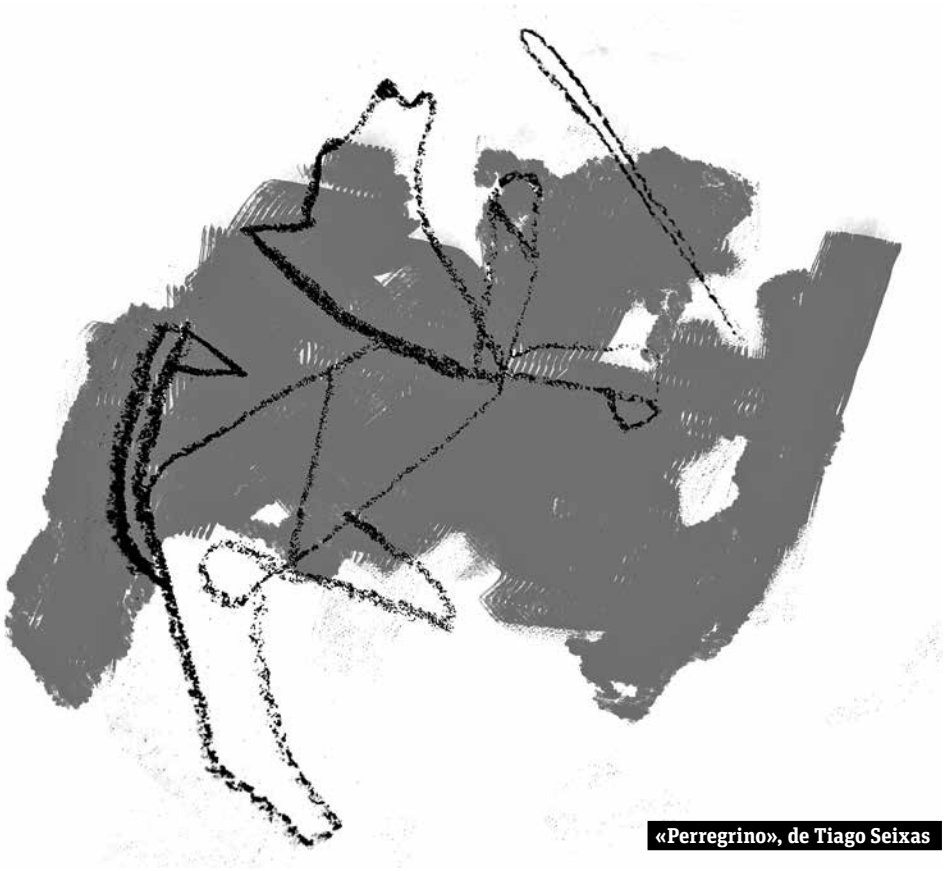
«Baião em torno do ano zero»

No próximo sábado, 13 de Fevereiro, é apresentado o livro «Baião em torno do ano zero», de Lino Tavares Dias. A sessão terá lugar no Salão Nobre dos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Baião, às 11 horas e contará com a presença do secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Luís Carneiro. Este é o terceiro de uma série de 10 volumes que compõem a colecção «Em Torno de Baião: Contributos para a História Económica e Social de Baião». Esta iniciativa de investigação histórica, encomendada pela autarquia, debruça-se sobre o património do território de Baião e sobre a sua paisagem cultural, proporcionando uma visão da evolução histórica do concelho desde a pré-história até à actualidade.

Côta Seixas

Tal vez

Desconfiara sempre muito da ajuda divina e tinha razões para isso.
Porém, dessa vez, a angústia foi tanta que cão Zarrão prometeu ir a S. Bernardo a pé, se o filho mais novo, cão Zinho, lhe sarasse das maleitas.
Desenganado por médicos e curandeiros viu na cura um sinal do Além.
Partiu cedo, cajado de carvalho e cantil de zinco a tiracolo.
Sobe a Estrela, desce a Vouguinha e, já noite, chega a Sim.
É a festa do orago, talvez S. Pedro.
Há no largo um corrupio de gente estonteada que dança, que grita.
A concertina toca "Cheira bem, cheira a Lisboa".
Ladra suave, como neve de luar, rogando um pouco de pão e um alpendre para dormir.
No negro da noite, aturdidos, confundem-no com um Não.
Brutais e desalmados, cercam-no, e sem dó...
Não era a primeira vez que em Sim se matava um cão por um Não.
Mas este pobre peregrino!...
De trigo, um Pão cobre-se com uma toalha de linho, um Tão para de comparar-se e inferioriza-se numa cave, um Balão enche-se e sobe, um São põe-se no singular, um João...
Os Sim são assim para quem Sim Não é.



«Perregrino», de Tiago Seixas

Maria Manuela Félix

Os Silenciados

Estava frio, mas a mulher, enrodilhada na febre, ardia. Tudo à sua volta se tornava turvo e sombrio. Suspensa no tempo, delirava.
Aves de rapina, planavam no tecto do quarto e de asas abertas e bicos de gula, tudo lhe roubavam: o que era seu ou acreditava que fosse, até que nada lhe restava, nem sequer um breve traço de alegria.
Num turbilhão de sons e memórias, soletrava palavras entrecortadas numa lengalenga:
«Trago comigo uma cantilena com que te adormeço. Assim te esconjuro ave predadora para que não mates o que não nasceu e vás para longe onde não haja nem trigo, nem bicho, nem fala de gente.»
Na parede oposta em que se encontrava, alguém colocara um pneu e outro e outro e outro, resmas e resmas, multiplicando-se como cogumelos. Dentro de cada um, uma marioneta aos gritos estrebuchando, forçada a entrar, desarticulada.
Uma lata de gasolina, um isqueiro.
Labaredas!
Tudo ardendo. Não só o quarto, mas o prédio, barracas e barracas.
Aqui uma cabeça, além uns pezinhos a insistirem em correr, mas inertes.
Velhos, crianças, todos clandestinos, filhos de ninguém. Sem nome nem identidade, fugitivos, silenciados, inexistentes quase.
O espaço encheu-se de gente.
O espetáculo vai começar.
Reuniram-se à pressa os vassalos do poder.
O bispo melífluo, afastando delicadamente o veneno da boca, sussurrou:
- «Queime-se.»
Um cheiro a torresmos, a suor, a estrume, a corpos mal lavados, a mijo. (Um arbusto de sangue cresce à raíz da sombra.)
O polícia, o bispo e o juiz.
O juiz, batia com o martelo na secretária pedindo silêncio, tentando controlar a população ululante. Olhou friamente a mulher, premiu o gatilho e disparou:
- «Culpada.»

Saudável surpresa

Para o José Fernando Tavares

Passou já o meio do mês e ainda não abri falência.
Isto é caso raro, algum burro irá cair da ponte.
Não deitemos foguetes antes da festa, sem que desponte
O sol no oriente poderá falir esta frágil ciência...

De imprevistos tenho eu vasta experiência e receio
E o pior é que estão sempre a acontecer, até parece
Que para este lado as maleitas se juntam, jamais me esquece
O sem fim de azarada conjuntura, e eu de permeio.

De qualquer modo não é mau, e enquanto o pau vai e vem
Folgam as costas; e eu agradeço ao destino esta acalmia
Relativa e provisória, gozemos este raro dia
À defesa sim, mas em baixo a guarda, é que um deus nos tem.

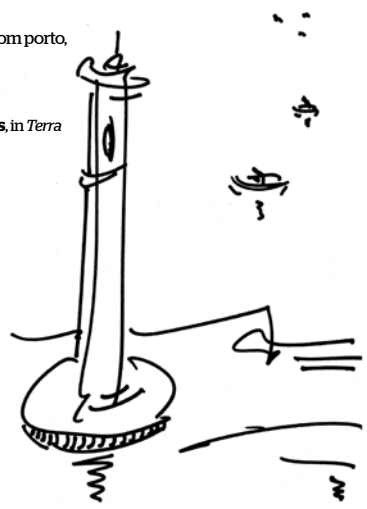
Esticar calendário é prodígio, elo precedendo o laço
Na corrente da vida, oh quem não soubesse o que aqui passo!

Cristino Cortes, *in* PIM - Poemas de Ironia e Má-Língua, pág. 25

Farol de Luz

Debruado numa nesga de terra
ergues-te altaneiro e vigilante
sobre o mar calmo ou revoltoso
irradiando a salvífica luz oscilante.
Desde tempos imemoriais
resgatas do destino incerto
a precária condição dos mortais
que ousam cruzar o mar aberto.
O que seria de quem
incessantemente
procura conhecer o mundo
sem o clarão precioso
da esperança
de chegar a bom porto,
finalmente.

Daniel Bastos, in *Terra*



Desenho de Orlando Pompeu

Poema dentro do parque "Amarelo"

Um atilhos que aperta e dá nó/
um colchete que segura a alça/
um botão de rosa que perfuma e vai ao vento/
mãos que tacteiam e encontram.../
um verso no ouvido da esperança/
cadenciado em sílabas que estavam adormecidas/
a roupa solta-se/
e todo o universo aparece...
Tacteiam as mãos.

Luís Pedro Viana (Condado de Moreira, 12 de Maio de 2015)

Cai uma lágrima
como pingo de lacre
na minha mão.
Não sei se foi hoje
ou foi outrora.
Mas onde ela caiu,
apareceu um cardo roxo.
Com mágoa tristeza,
sobressalto e dor.

Manuela Reis

Abelha

A luz do candeeiro acesa
sobre a mão que desliza
nas folhas cor de sépia
dum caderno vermelho
faz um rumor de abelha.

Perto estão as flores de laranjeira.

Manuela Reis

Paragem

Acordei. Abri os olhos.
Soletrei o teu nome,
provei do teu calor.
Inebriado,
tal qual na madrugada
em que tudo começou,
impus-me uma paragem
no tempo e pensamento
para regressar,
no entreato desse nada sublime,
aos fundos do fundo do amor.
Foi nesse longo instante
vazio do tempo, do modo
e pensamento, mas tempo bastante
para olhar-te o coração,
que eu percebi
donde vinha o teu encanto.

Terminado que foi o entreato
desse nada sublime,
de regresso dos fundos
do fundo do amor,
depois de cada um olhar
bem fundo o coração do outro,
tu é mais tu, eu sou mais eu,
alfa e omega da nossa relação,
mas nós somos um só.
Bem ajas meu presente, meu amor.

Manuel Paulo

A mais bela do Mundo

Três ilhas tem Cerveira
A dos Amores
A da Boega
A da Murraceira
Cada uma tem seu tamanho
Mas todas três tem o mesmo encanto.
Também tem Cerveira
O veado que a denominou
Lá esta no cimo do monte
A mirar as três ilhas.
Já Jânio Quadros
A considerou, em Gondarém,
A paisagem mais bela do Mundo.

Telmo Esteves

A Fénix

Cada vez mais celestial,
supero as regras

do voo e da gravidade
da vida e da morte.

Mergulho de alturas
vertiginosas, só

desconhecido,
suspenso das

minhas recordações,
desequilibrado, frouxo,

não há circunstâncias
até às chamas.

Não pretendo estar
torto ou fracturado

de tudo afastado
tento religar, mas para quê

resistir? Também não tento
ser eu mesmo,

tão pouco conhecido,
dependente da antiga

magia. - O que acontece
é o que nasce

vem para acontecer
e passa.

Um pressentimento
não é com certeza.

Não posso aguentar
séculos por um capricho.

Encontro-me
embrulhado no tempo

e perdi o lugar
centenas de vezes
antes, empalideço
de medo

também me esgotará
a desesperada

vagabundagem para um dia
chegar ao momento decisivo,

e vejo então
um fim. A Fénix

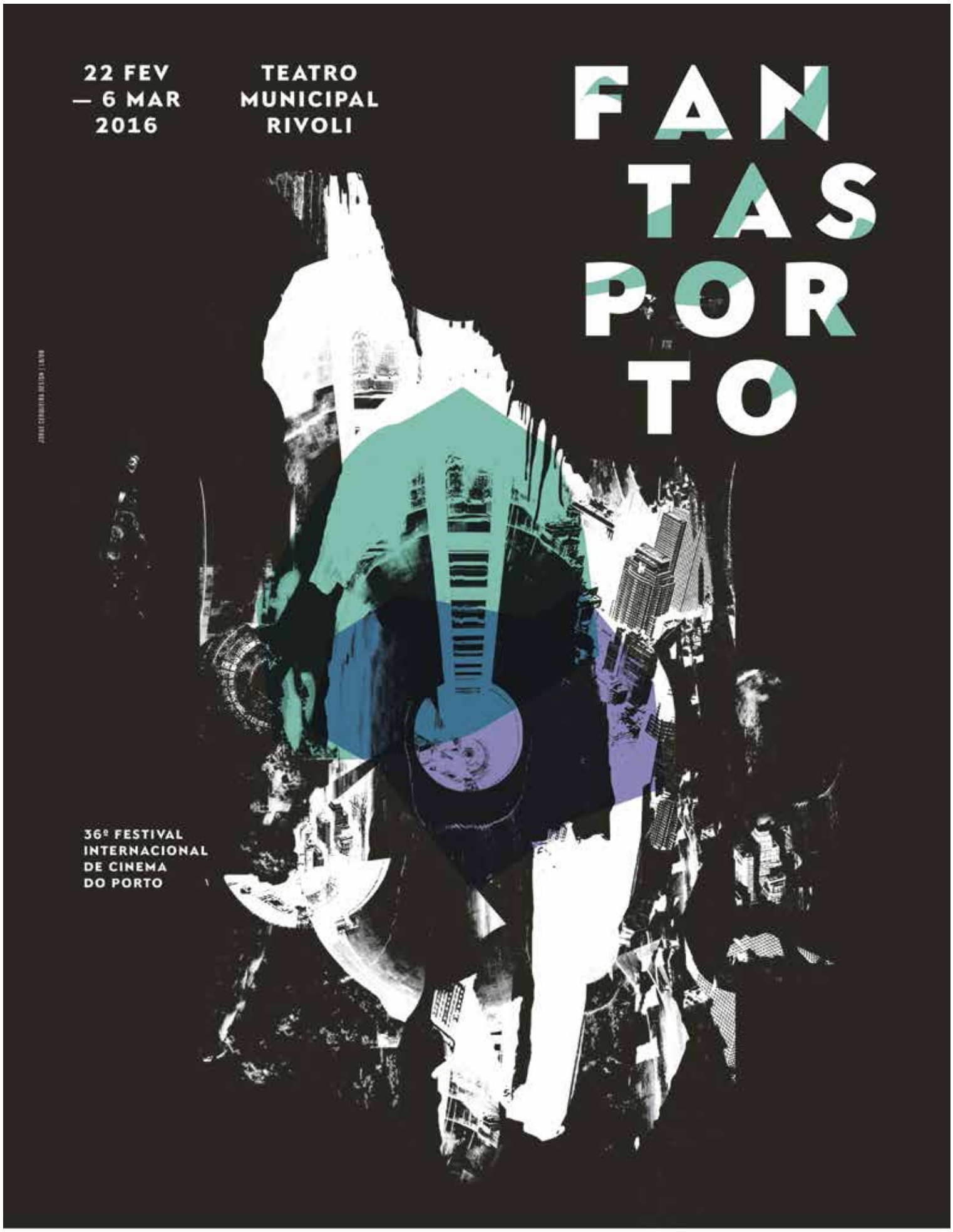
não escolheu ser
consumida, e receia

cada morte como se
não houvesse renascimento.

Philip Wexler*
(Versão portuguesa de Maria do Sameiro Barroso)

* Philip Wexler vive nos Estados Unidos, em Bethesda, Maryland, onde trabalha para a Biblioteca Nacional de Medicina, no Programa de Informação de Toxicologia e Saúde Ambiental. Tem escrito poesia durante toda a sua vida adulta, tem publicados mais de 140 poemas em revistas e possui uma vasta obra poética inédita. Organizou e dirigiu várias séries de recitais de poesia e música em Maryland. Também se dedica às artes, ao mosaico, repartindo o seu tempo entre a sua vida profissional, as artes plásticas e a poesia.

PUB


22 FEV
— 6 MAR
2016
TEATRO
MUNICIPAL
RIVOLI
FAN
TAS
POR
TO
36º FESTIVAL
INTERNACIONAL
DE CINEMA
DO PORTO

REPÚBLICA PORTUGUESA
ICA
INSTITUTO DO CINEMA E DO AUDIOVISUAL
TVCine&Series
SAPO
RTP2
ANTENA 1
ANTENA 2
AS ARTES ENTRE AS LETRAS
CISION
TIM COLLECTION
Porto.

00164
9 771647 290000

Planos Poupança BPI

DEGRAU A DEGRAU.

Crie o seu plano de poupança a partir de € 25 por mês e escolha, com total flexibilidade, o montante, o prazo e a aplicação financeira mais indicada para si. Faça uma simulação num Balcão BPI ou em bancobpi.pt

Toda a informação nos Balcões e Centros de Investimento BPI e 800 243 243 (linha grátis com atendimento personalizado, das 7h às 24h).